

Jean Lauand & João Sérgio Lauand (orgs.)

Aida R. Hanania
Alexandre Medeiros
Chie Hirose
Enio Starosky
Jean Lauand
João Sérgio Lauand

Cemoroc Educação – *Scripta Varia* vol. II

Cemoroc – ColégioLuterano São Paulo –

Centro de Estudos Júlio Verne

(em preparação do 90º aniversário do COLUSP e
celebrando os 50 anos do CEJV)

2022

Copyright © 2022 dos autores
Todos os direitos reservados.

1a. edição 2022

Conselho Editorial dos livros do Cemoroc

Diretores:

Jean Lauand (Feusp)
Paulo Ferreira da Cunha (Univ. do Porto)
Sylvio R. G. Horta (FFLCH-USP)

Membros:

Aida Hanania (FFLCH-USP)
Chie Hirose (Pós-Doutora Feusp)
Enric Mallorquí-Ruscalleda (Indiana University-Purdue University Indianapolis)
Gabriel Perissé (Pós-Doutor Unicamp)
Lydia H. Rodriguez (Indiana Univ. of Pennsylvania)
María de la Concepción P. Valverde (FFLCH-USP)
Maria de Lourdes Ramos da Silva (Feusp)
Nádia Wacila H. Vianna (Fea-USP)
Pedro G. Ghirardi (FFLCH-USP)
Pere Villalba (Univ. Autònoma de Barcelona)
Roberto C. G. Castro (Pós-Doutor Feusp)
Rui Josgrilberg (Dr. Univ. Strasbourg)
Sílvia M. Gasparian Colello (Feusp)
Terezinha Oliveira (Uem)
Vitor Chaves de Souza (Umesp)

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira de Livro, SP, Brasil).

Lauand, Jean; Lauand, João Sérgio (orgs.)
Cemoroc Educação – *Scripta Varia* vol. II; São Paulo: Cemoroc, 2022

ISBN 978-65-00-38976-0

1. Filosofia 2. Educação 3. Filosofia da educação I. Título

Todos os direitos desta edição reservados ao CEMOROC
<http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/>

SUMÁRIO

Apresentação	05
Personagens que nominam ruas ao redor do Colégio – aspectos do Luterano (Colusp) às vésperas de seu 90o. aniversário <i>Jean Lauand & Enio Starosky</i>	07
Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola: EMEFM Vereador Antonio Sampaio – Santana <i>Chie Hirose & Jean Lauand</i>	15
Observações sobre os conceitos de temperamento, caráter e personalidade na obra de David Keirse <i>João Sérgio Lauand</i>	25
Alguns verbetes para um dicionário (datado) de expressões <i>Jean Lauand</i>	31
Contemplação como ferramenta de profanação: recuperando uma teologia da Criação <i>Alexandre Medeiros.....</i>	45
Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública <i>Aida R. Hanania</i>	59

Apresentação

Como parte das celebrações dos 25 anos das revistas do Cemoroc e seus 300 volumes publicados, que se cumprem em 2022, publicamos mais esta coletânea.

A esse aniversário “de prata” do Centro, dedicamos três edições de nossa revista *Convenit Internacional*: No. 36/37 (<http://www.hottopos.com/convenit36/>) e No. 38 (<http://www.hottopos.com/convenit38/index.htm>), com dezenas de artigos percorrendo o amplo espectro de nossas publicações e atividades: revistas; livros; fundadores, diretores e editores; entrevistas, vídeos etc. E são já 8 volumes de livros, disponíveis também em nosso site: <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page5.html>.

A celebração do Cemoroc dá-se em uma feliz coincidência com aniversários redondos de duas destacadas instituições de ensino, em já antiga e constante interação com nosso Centro: o Colégio Luterano São Paulo (que celebra seus 90 anos em 2023) e o Centro de Estudos Júlio Verne, que acaba de completar seus 50 anos (2021). E os diretores desses destacados colégios são dois de nossos mais fecundos pesquisadores: o Prof. Dr. Enio Starosky, do Luterano, e o Prof. Dr. Alexandre Medeiros, do Júlio Verne. Alexandre e Enio são também autores deste livro.

O livro começa com o capítulo “Personagens que nominam ruas ao redor do Colégio – aspectos do Luterano (Colusp) às vésperas de seu 90o. Aniversário” de Enio Starosky (JL é coautor), que visa esclarecer à Comunidade do Colégio quem foram realmente os “patronos” das ruas do entorno da escola, em geral, totalmente desconhecidos pelos viandantes.

No estudo seguinte, Chie Hirose (JL é coautor) faz o mesmo para a escola da Prefeitura na qual ela leciona: “Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola: EMEFM Vereador Antonio Sampaio – Santana”. Nos dois casos, divertidas surpresas aguardam o leitor...

João Sérgio Lauand, um de nossos especialistas na teoria do psicólogo americano David Keirse (um dos principais temas de pesquisa em nosso Cemoroc), oferece-nos um necessário e esclarecedor estudo, diferenciando os conceitos de temperamento, caráter e personalidade naquele autor.

Segue-se meu estudo que apresenta alguns verbetes para um Dicionário de expressões brasileiras que estou elaborando. Para esse Dicionário procuro atentar também para a datação de surgimento (/desaparecimento) dessas locuções.

Seguindo o espírito de nossos *Scripta Varia*, recolhemos dois significativos artigos de nosso acervo de revistas:

“Contemplação como ferramenta de profanação: recuperando uma teologia da Criação”, da extensa e oportuna série de estudos de Alexandre Medeiros sobre o fundamentalismo religioso.

E

“Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública”, notas da memorável conferência de Aida Hanania em nosso Programa de Interação com a Escola Pública.

Que este volume que o Cemoroc publica neste ano festivo – para nós e para esses colégios parceiros – sirva como uma celebração acadêmica e prenúncio de importantes realizações no futuro.

Jean Lauand
Presidente do Cemoroc

Personagens que nominam ruas ao redor do Colégio – aspectos do Luterano (Colusp) às vésperas de seu 90º. aniversário

Jean Lauand¹
Enio Starosky²

A (duvidosa) “imortalidade” de ser nome de rua

Na imensa maioria dos casos, os moradores não têm a menor ideia de quem é o patrono da rua em que habitam. Exceto para quem tem a honra de morar, por exemplo, em uma Avenida Tancredo Neves ou em Praça Elis Regina, o titular de sua via costuma ser um ilustre desconhecido, quando não um personagem execrável do passado. O tristemente famoso “Minhocão” de São Paulo foi inaugurado em 1971 como “Elevado Costa e Silva” mas, em 2016, teve seu nome mudado, por decreto, para “Elevado Presidente João Goulart”. E há cidades querendo mudar o nome das vias denominadas Domingos Jorge Velho (e de outros bandeirantes), pelo fato de ele ter sido o líder do massacre do Quilombo dos Palmares.

Mas, na maioria das vezes, os personagens que nominam as ruas são, como dizíamos, ilustres desconhecidos. Um vereador, pensando na próxima eleição, propõe à Câmara um nome de rua – que agrade a uma fatia do eleitorado (um empresário de alguma colônia rica e influente; um praticante de algum esporte, para agradar ao grupo correspondente; uma dama da alta sociedade recém falecida; etc.), os colegas aprovam (ninguém vai querer se indispor com o nicho de eleitores em questão) e pronto: passados alguns anos, ninguém mais sabe quem é o titular da rua...

O mesmo ocorre com os nomes de escolas públicas: a E. E. Stefan Zweig (escritor célebre nos anos 40 e 50 é hoje bem menos conhecido), acabou aparecendo, por lapso de força do hábito, em um documento oficial do Governo do Estado como E. E. **Prof.** Stefan Zweig!

Para que a comunidade – alunos, pais, professores e funcionários – de nosso Colégio Luterano São Paulo possa saber melhor quem são os personagens que dão seu nome à rua do Colégio e às de seu entorno imediato, oferecemos este breve estudo, extraído da imprensa (quando oportuno, recorreremos também aos verbetes oficiais do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo) como uma modesta contribuição para a celebração do 90º. aniversário que o Colusp completará em 2023. Para a obtenção dos dados, valemo-nos sobretudo (além de outras fontes, é claro) dos jornais de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A rua do Colégio Luterano: R. Professor Vilalva Jr.

Esta pesquisa iniciou-se com uma curiosidade do autor JL, sobre uma intrigante coincidência ocorrida em sua vida profissional, que ele mesmo descreveu em conferência para o XXI Seminário Internacional Cemoroç Filosofia e Educação.

¹. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

². Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Mestre em Educação pela mesma UMEESP. Diretor do Colégio Luterano São Paulo.

Trata-se de saber quem terá sido o **Professor Vilalva Jr.**, rua em cujo No. 73 situa-se, já há mais de 80 anos, nosso Colégio Luterano São Paulo:

Permitam-me começar esta nossa conversa com uma curiosidade intrigante, que só pude esclarecer pesquisando para esta conferência. Comecei a lecionar (Física, em 1972) na Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas **Villalva Jr.**, no bairro do Jabaquara. E em 2018 voltei ao ensino Médio, como professor colaborador do Colégio Luterano São Paulo, no Moinho Velho, situado na Rua Professor **Vilalva Jr.** Não sou supersticioso, mas resolvi esclarecer quem é este meu (duplo) “patrono”. Pesquisando em jornais antigos, parece que, na verdade, o Villalva Jr. (é de supor que seja o mesmo) não foi doutor e talvez, nem propriamente professor. Foi um jovem que se formou na Escola Normal e morreu em 1909, quando cursava o último ano da Faculdade de Direito, na qual teve algum destaque nas atividades do Grêmio da São Francisco e, sobretudo, na imprensa estudantil. É o “júnior” de um pai famoso, político importante dos primeiros tempos da República, até seu falecimento em 1935. Em 1949, a prefeitura batizou com o nome do filho a rua em que trabalho, embora – como acontece com tantos que dão nome a ruas e escolas – ninguém tenha hoje, a menor ideia de quem terá sido o ilustre...

Infelizmente, nosso personagem – como tantos outros “professores” em homenagens públicas – evidentemente não terá se distinguido como professor, mas o vereador Fairbanks, autor do projeto que nomeou essa via pública, achou que esse título era melhor do que, digamos, acadêmico de Direito, ou colaborador de jornais de estudantes.

Já seu pai, Carlos Augusto de Freitas Villalva (curiosamente, na rua, o Vilalva Jr. só tem um L no sobrenome), um político da Primeira República, ganhou uma rua no Jabaquara, muito próxima do colégio que traz o nome de seu filho: Escola Estadual Dr. Carlos Augusto de Freitas Villalva Jr. (para a escola, o Júnior não foi considerado professor, mas Doutor, mesmo não tendo sequer se formado – as homenagens oficiais são bastante flexíveis...).



<https://www.luterano.com.br/>

Rua Drina Nº3 era o endereço da Escola, em 1941, quando se mudou para onde hoje estamos. Drina – nome desbancado por Vilalva Jr. em 1949 – é um dos tantos rios da Europa do Leste e Central que têm nomeado ruas no Sacomã. Até hoje temos nessa categoria: Drava, Elba e Reno, por exemplo. Precisamente a Rua Reno Nº6 foi nossa sede de 1936 a 1940, quando mudamos de nossos endereços primitivos – R. Florêncio de Abreu Nº56 e Rua do Manifesto Nº427 – para nosso atual bairro.



1942 – Já no local da sede atual (então R. Drina). Ao centro, Prof. Carlos Fehlauer.



1941 – alunos caminham pela Rua Cel. Francisco Inácio.



1944 – alunos com o Prof. Fehlauer.



Escritura (acervo do Museu Paulista da USP) da propriedade de Samarone e da de Tavares Paes - 1935 (https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/0e/Planta_de_Terrenos_no_Ipiranga_Acquisidos pelos_Srs_Arico_Sammarone_e_Olavo_Tavares_Paes_-_1%2C_Acervo_do_Museu_Paulista_da_USP.jpg)

Em 1947, a imprensa informa que são oficializados os nomes das ruas:

situadas no bairro do Moinho Velho, distrito do Ipiranga, abertas em terreno de propriedade de Olavo Tavares Paes e sua mulher d. Noemia Tavares Paes, cujos leitos foram doados ao município de São Paulo, por escritura pública lavrada em 29 de janeiro de 1947. Essas ruas, ora oficializadas, terão as seguintes denominações: Cel. Francisco Inácio, Prof. Alberto Comte, Prof. Vilalva Junior, Tito Prates da Fonseca, Regino Aragão e Frederico Ozanam. (“Jornal de Notícias”, 26-5-1949).

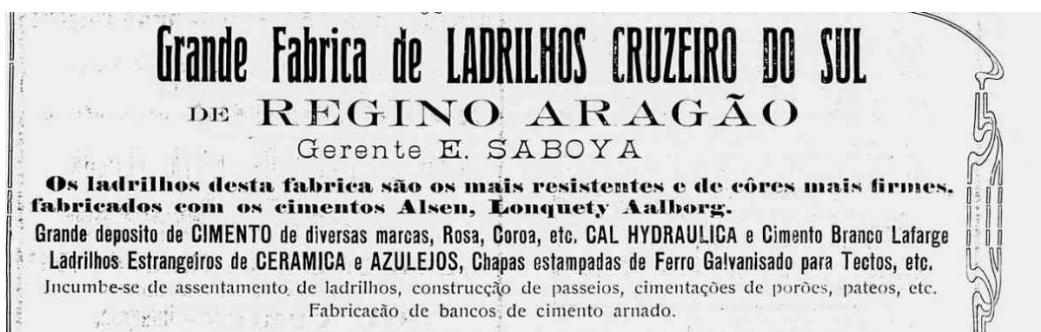
A oficialização dos nomes (Lei Municipal Nº 3763, de 25 de maio de 1949) mudou as antigas denominações com que até então, eram conhecidas, respectivamente como: Rua 2, Rua 10, Rua 9 (a Prefeitura, na verdade, omitiu o fato de que a Rua 9 já tinha recebido o nome de Rua Drina, nossa atual Vilalva Jr.), Rua 8 e Rua 7. (cf. <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/lei-ordinaria/1949/377/3763/lei-ordinaria-n-3763-1949-dispoe-sobre-oficializacao-e-denominacao-de-vias-publicas>)

Curiosamente o “doador” (se é que foi uma autêntica e espontânea doação...) Olavo Tavares Paes permanece relativamente obscuro e hoje não encontramos quase nada sobre ele na Internet.

Finalmente, em 1953, o então jovem vereador Franco Montoro promove o calçamento de nossas ruas e a instituição de uma linha de ônibus “para o Moinho Velho, com percurso até as proximidades do quilometro 10 da Via Anchieta”. (“Correio Paulistano”, 16-10-1953”).

Nossas ruas: quem foi Regino Aragão?

As referências a Regino Aragão (1876-1943) dão conta de que foi professor (“lente”) da Escola Politécnica (“O Combate”, 20-11-1917) e proprietário da “Grande Fábrica de Ladrilhos Cruzeiro do Sul”:



Anúncio em “Gazeta Artística”, outubro de 1911

Em 1927, já o vemos em cargo público: “Engenheiro da Directoria de Obras da Prefeitura” (Diário Nacional”, São Paulo, 22-9-1927). Veio a falecer em 1943 e em 1949 dá seu nome a uma rua do Moinho Velho.

Quem foi Tito Prates da Fonseca?

Nasceu em 1-1-1887 e morreu em 12-1-1944.

Formou-se em Direito em 1917. Em 1920 – como oficial de Gabinete do Secretário de Agricultura, Dr. Heitor Penteado – vê-mo-lo acompanhando a comitiva do Rei Alberto da Bélgica, em visita ao interior de São Paulo. (“Correio Paulistano”, 8-10-1920).

Tendo sido criados no Brasil, os Cursos Superiores de Ciências Econômicas, Prates da Fonseca será professor da Faculdade de Ciências Econômicas de São Paulo e conferencista sobre Economia (“Correio Paulistano”, 28-6-1940). Foi também autor de diversos livros sobre Direito e Sociologia.

Quem foi o Prof. Alberto Conte?

Este foi realmente educador. Nasceu em 12 de junho de 1896 em Avaré. Por ocasião de sua morte, em 22 de julho de 1947 (pouco mais de um mês depois de tomar posse como Conselheiro da União Paulista de Educação”), o “Diário da Noite” publicou nota necrológica, dando conta de que dedicou-se por longos anos ao magistério secundário, tendo lecionado muito tempo em Escolas Normais do Interior. Publicou várias obras sobre Educação, exercendo também o jornalismo. Foi um dos responsáveis e mentor da Campanha de Alfabetização de Adultos.

Tal como outros dos aqui contemplados, empresta hoje, seu nome, a uma Escola Estadual de São Paulo. O verbete referente a Conte no Dicionário de Ruas da Prefeitura é injustamente exíguo.

Frederico Ozanam (a grafia é com z e não com s, como oficializado na Praça)

Este é bem mais conhecido e guarda ligação direta com a praça do Moinho Velho que leva seu nome. Ozanam é o fundador dos vicentinos e na praça fica a Paróquia São Vicente de Paulo e muito próximo está o Colégio Vicentino Virgem Poderosa. Dada sua importância para o bairro, recolhemos dados um pouco mais completos de sua biografia contidos do site oficial do Vaticano:

Frederico Ozanam nasceu a 23 de Abril de 1813, em Milão (Itália). (...) Em 1831, Frederico, erudito jovem de província, chega a Paris para estudar na Sorbona. Em pouco tempo converte-se num assíduo frequentador dos ambientes intelectuais (entre os quais o salão de Madame Récamier) e começa a colaborar com jornais e revistas. Apesar da sua timidez e do comportamento simples, emergem com clareza tanto a sua profunda humanidade como o seu rigor moral: a sua imensa cultura, as suas opiniões actualizadas e o seu catolicismo empenhado tornam-no rapidamente uma personalidade relevante. Frederico dedica a sua formidável eloquência a moderar os debates sobre religião e política, num círculo literário estudantil chamado «Conferência de história», do qual é porta-voz. Certa tarde, depois de sair vencedor de um debate com um estudante socialista sobre o compromisso social dos católicos, anuncia a um amigo a intenção de realizar finalmente um projecto, que há tempo lhe era muito querido: uma «Conferência de caridade», uma associação de beneficência para a assistência dos pobres, «a fim de pôr em prática o nosso catolicismo».

Desta maneira, em Maio de 1833, com apenas 20 anos, Frederico funda, juntamente com seis companheiros, as Conferências de São Vicente de Paulo (...) Nenhum dos seus jovens fundadores podia imaginar o desenvolvimento que alcançaria esta pequena Sociedade benéfica, à qual Frederico se dedicaria, daí por diante, sem jamais poupar esforços.

Doutor em Direito (1836) e depois em Letras (1839), Ozanam inicia uma brilhante carreira universitária que o levará, em 1844, a tornar-se o titular da cátedra de Literatura Estrangeira na Universidade da Sorbona e a viver sem reservas a sua profunda vocação ao magistério. Em 1841 casa-se com a jovem Amélie Soulacroix. Frederico Ozanam é, portanto, um homem profundamente inserido no seu tempo. (...) Os primeiros sintomas do que seria uma grave infecção renal, confundida com uma enfermidade pulmonar, que o levaria lenta e dolorosamente a uma morte prematura, chegam-lhe de surpresa em 1846. (...)

Frederico Ozanam morreu na noite de 8 de Setembro de 1853, em Marselha, rodeado dos seus entes mais queridos, depois de uma agonia longa e dolorosa.

Este é o modelo de apóstolo leigo, erudito, empenhado e dedicado ao serviço dos mais pobres, que a Igreja apresenta a todos os fiéis, mas sobretudo aos jovens, durante a Missa presidida por João Paulo II, no dia 22 de Agosto, em Paris, na qual é beatificado Frederico Ozanam. (https://www.vatican.va/news_services/liturgy/saints/ns_lit_doc_1997_0822_ozanam_po.html)

Coronel Francisco Inácio

É o único que recebe uma qualificação (sumaríssima) na citada lei Municipal de 25-5-1949: “Promotor da Bernarda de 1822”.

O Dicionário Moy@rte assim descreve a “bernarda” (revolta armada):

A bernarda decorreu da disputa entre dois grupos que, até então, compartilhavam o governo provisório da província de São Paulo:

- grupo liderado por João Carlos Augusto de Oeynhausen – presidente da junta de governo paulista no período – e coronel Francisco Inácio de Sousa Queirós;

- grupo liderado pelos irmãos Andrada – José Bonifácio e Martim Francisco - que era membro do governo provisório de São Paulo – e o Brigadeiro Manoel Rodrigues Jordão.

O início da revolta foi a convocação de Oeynhausen e Francisco Inácio de Sousa Queirós à corte (Rio de Janeiro), transferindo a presidência da Junta para Martim Francisco – provavelmente, Oeynhausen foi chamado ao Rio de Janeiro por influência de José Bonifácio, com o objetivo de dar a Martim Francisco a presidência do governo provisório.

Em desacordo, no dia 23 de maio, Francisco Inácio mobilizou parte dos habitantes no largo de São Gonçalo (Praça João Mendes), depondo Martim Francisco [e o Brigadeiro Jordão] e mantendo Oeynhausen como presidente, desacatando as ordens de D. Pedro.

(<http://www.moyarte.com.br/centro-de-sao-paulo/verbetes/B/bernarda-de-francisco-inacio.html>)

Se na Bernarda, o Cel. Francisco Inácio expulsou de São Paulo o Brigadeiro Jordão, hoje suas ruas convivem bem e são muito próximas – coisas do Ipiranga!

Monsenhor Du Dréneuf

João Baptista du Dreneuf nasceu em Nantes (França) em 1872. Ingressou na Companhia de Jesus em 1891 e foi destinado ao Brasil em 1896. Foi reitor (1911) do colégio jesuíta São Luís (fundado em Itu em 1867) e responsável por sua mudança para São Paulo, tendo adquirido o prédio da Av. Paulista, que teve seu primeiro ano letivo em 1918 (“O Estado de S. Paulo”, 12-5-1967). Em 1912 foi nomeado superior dos Padres da Companhia de Jesus no Brasil (“Correio Paulistano”, 3-11-1912). De 1930 até sua morte em 1948 foi Administrador Apostólico de Diamantino em Mato Grosso.

Caminhando para o 90º aniversário

Às vésperas da celebração dos 90 anos de nosso Colégio Luterano São Paulo, praticamente todos eles vividos no bairro e mais de 80 no mesmo endereço (a rua mudou de nome, mas a Escola permanece no mesmo lugar), queremos expressar nossa gratidão à cidade de São Paulo, ao Moinho Velho (/ Sacomã / Ipiranga), que com tanto carinho nos recebeu. Ao dar a conhecer à família Colusp um pouco da história dos patronos de nossas ruas, procuramos fortalecer o sentido de pertencimento à Comunidade que nos acolhe e da qual nos orgulhamos de fazer parte, pois é um grande privilégio para nós o fato de aqui realizarmos nossa vocação educacional.

Personagens que nominam ruas ao redor de minha escola:

EMEFM Vereador Antonio Sampaio – Santana

Chie Hirose³
Jean Lauand⁴

A autora deste estudo leciona nessa escola há 23 anos e inspirada pelo capítulo de Lauand&Starosky, neste mesmo volume, pediu a colaboração do Prof. Lauand para escrevermos algo semelhante para a EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abreviaremos por VAS), que completou 25 anos de existência em 2021.

Sendo capítulos de mesma orientação, permitimo-nos reproduzir aqui – com as oportunas adaptações – a introdução de Lauand para seu referido capítulo, em coautoria com Starosky.

A (duvidosa) “imortalidade” de ser nome de rua

Na imensa maioria dos casos, os moradores não têm a menor ideia de quem é o patrono da rua em que habitam. Exceto para quem tem a honra de morar, por exemplo, em uma Avenida Tancredo Neves ou em Praça Elis Regina, o titular de sua via costuma ser um ilustre desconhecido, quando não um personagem execrável do passado. O tristemente famoso “Minhocão” de São Paulo foi inaugurado em 1971 como “Elevado Costa e Silva” mas, em 2016, teve seu nome mudado por decreto para “Elevado Presidente João Goulart”. E há cidades querendo mudar o nome das vias denominadas Domingos Jorge Velho (e de outros bandeirantes), pelo fato de ele ter sido o líder do massacre do Quilombo dos Palmares.

Mas, na maioria das vezes, os personagens que nominam as ruas são, como dizíamos, ilustres desconhecidos. Um vereador, pensando na próxima eleição, propõe à Câmara um nome de rua – que agrade a uma fatia do eleitorado (um empresário de alguma colônia rica e influente; um praticante de algum esporte, para agradar o grupo correspondente; uma dama da alta sociedade recém falecida; etc.), os colegas aprovam (ninguém vai querer se indispor com o nicho de eleitores em questão) e pronto: passados alguns anos, ninguém mais sabe quem é o titular da rua...

O mesmo ocorre com os nomes de escolas públicas: a E. E. Stefan Zweig (escritor célebre nos anos 40 e 50 é hoje bem menos conhecido), acabou aparecendo, por lapso de força do hábito, em um documento oficial do Governo do Estado como E. E. **Prof.** Stefan Zweig!

Para que a comunidade – alunos, pais, professores e funcionários – de nossa escola possam saber quem são os personagens que dão seu nome às ruas do entorno do Colégio, oferecemos este breve estudo, extraído da imprensa (quando oportuno, recorreremos também aos verbetes oficiais do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo) como uma modesta contribuição para a celebração do 25º. aniversário que o “VAS” celebrou em 2021. Para a obtenção dos dados, recorreremos sobretudo (além de outras fontes, é claro) aos jornais de São Paulo disponíveis na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

³. Doutora e Pós-Doutora em Educação pela Feusp. Professora, há 20 anos, da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

⁴. Professor Titular Sênior da FEUSP.

Esta experiência que estamos realizando lembra – descontando o excesso de acidez – o genial capítulo “De tarde” (que se segue a “Sábado de manhã”) de “A Náusea” de Sartre (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, pp. 125-143), no qual o personagem Antoine de Roquentin visita o museu de Bouville e contempla os quadros que, em poses postiças e pomposas, immortalizam os cidadãos “ilustres” da cidade: o político, a dama de sociedade, o jovem de família importante que morreu prematuramente etc. Todo esse panteão idealizado será confrontado por Roquentin com uma edição antiga da revista satírica e debochada da cidade, mostrando um “outro lado”, ridículo e medíocre, desses figurões, que também nomeiam as ruas bouvillianas...

Após quase vinte páginas de desconstrução dessa elite (burguesa e conservadora, como era de esperar) de ilustres cidadãos – Blévigne, o político local, guardião da ordem e “Orador das Forças morais”, imponente no quadro, na verdade era um desprezível medíocre, media 1,53m e sua voz coaxante sempre causava gargalhadas de escárnio no Parlamento; as mulheres, esposas e mães, tão solícitas em oferecer migalhas caritativas de hipócrita assistência aos pobres etc. – Roquentin conclui em seu diário:

Percorrera o salão de ponta a ponta. Voltei-me. Adeus, belos lírios [como dizia a legenda de um dos quadros] tão delicados em seus pequenos santuários pintados, adeus belos lírios, nosso orgulho e nossa razão de ser. Adeus. Salafrários (p. 143).

Não nos move nenhuma intenção iconoclasta, mas somente o desejo de ajudar nossos alunos a compreenderem melhor as intenções históricas que se consubstanciaram em homenagens em nosso bairro.

As ruas que circundam o VAS

Claro que há titulares de vias de que nos orgulhamos (como os já citados Tancredo e Elis), mas há outros que nos recordam a hipocrisia e bajulação do Museu de Bouville. Nem todos são Santos Dumont, importante avenida do bairro; alguns não têm relevo público para ser sequer um beco; outros são, para dizer o mínimo, controversos...

Ao próprio Patrono de minha escola, poder-se-ia objetar, por exemplo, que já no fim da vida, foi o único vereador que votou contra a proposta de auditoria para investigar escândalos no Tribunal de Contas do Município... E a rua em que fica nosso Colégio, a Voluntários da Pátria (da Guerra do Paraguai), é portadora de suas contradições: pouco tempo depois do decreto imperial que criou essa força militar, já houve a imposição de cotas de “voluntários” por província, que passaram a ser recrutados à força entre os opositores dos chefes políticos locais. E, claro, os ricos escapavam fazendo doações de recursos, escravos e empregados que iam lutar em seu lugar... Felizmente, nosso objetivo limita esta pesquisa a cidadãos que receberam seus nomes em vias do entorno da escola.

Av. Zaki Narchi

Zaki Narchi é não só uma importante avenida, mas também o nome de um Conjunto Habitacional Cingapura, no qual residem as famílias de grande parte de nossos alunos.



Conjunto habitacional Cingapura na Av. Zaki Narchi
<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2012/03/29/sp-vai-gastar-mais-r-66-mi-para-retirada-de-gas.htm>

O verbete do Dicionário de Ruas da Prefeitura de São Paulo é exíguo:

Zaki Narchi nasceu na cidade de Homs, Síria, em 15 de fevereiro de 1883. Foi um dos primeiros imigrantes árabes a eleger São Paulo como sua terra. Veio para o Brasil em 1908, casou-se com D. Hassibe Dib Narchi, no ano de 1912, com quem teve 09 filhos. Foi comerciante em Santana. Faleceu em 1965.

Na imprensa não encontramos nada sobre Zaki Narchi, exceto que a Casa Narchi, de sua propriedade, foi uma das tantas patrocinadoras da “Batalha de Confetes do Carnaval de Sant’Anna” de 1940 e que essa sua loja ficava na R. Voluntários da Pátria 447-A (“Correio Paulistano”, 25-1-1940); endereço que coincide quase milimetricamente com o de nossa escola hoje: R. Voluntários da Pátria 733!

Ainda de acordo com o verbete citado, o antigo nome, até 1976, da Av. Zaki Narchi era Rua Lysias Rodrigues. Este nome é muitíssimo mais conhecido: engenheiro, escritor, pioneiro da aviação civil e militar brasileira, combatente por São Paulo na Revolução de 1932 e um dos grandes promotores da criação do Estado de Tocantins: o aeroporto de Palmas foi batizado com seu nome.

Praça Nakhle Khoury Gharib

Este nome, tal como aparece acima, é totalmente desconhecido pela imprensa. O próprio verbete oficial da Prefeitura não nos dá nem sua data de nascimento e diz simplesmente: “Nakhle Khoury Gharib faleceu em 05 de julho de 1994. Durante sua vida angariou muitos amigos graças ao seu espírito humanitário e caritativo.”(!)

A verdadeira razão da homenagem aparece quando descobrimos que, na verdade, seu nome era simplesmente Nakhle Khoury e, tal como encontramos em sua nota obituária do Estadão (07-07-1994), era pai do então vereador Hanna Garib, que viria a ter seus direitos políticos cassados no caso da Máfia dos Fiscais em 1998.

Mas, por que o pai não tinha oficialmente o sobrenome do filho? Segundo reza uma lenda que circulava na colônia árabe, Nakhle, recém-chegado do Líbano, querendo registrar o filho, mas sem falar nada de português, insistia em dizer ao funcionário do cartório: “Ana gharyb”, “Ana gharyb”, “Ana gharyb” (“eu sou estrangeiro”, em árabe) e o funcionário oficializou: “Hanna Garib”!



Dória, candidato a prefeito, recebe apoio de Hanna Garib - 2016
<https://veja.abril.com.br/brasil/doria-recebe-apoio-de-ex-chefe-da-mafia-dos-fiscais/>

Rua Anna Papini Guaranha (uma das raras ruas com nome de mulher)

Uma via importante para a Comunidade do Cingapura do Zaki Narchi, pois é a rua da feira, do CEI (creche) e do Canil de São Paulo. De Dona Anna nada consta na imprensa (BN e Estadão). E o verbete do Dicionário da Prefeitura diz coisas como “tinha hábito de colecionar jornais e revistas” e seu lema foi “o saber não ocupa lugar”. E que era viúva de Olivério Guaranha, funcionário público sem maior destaque, que nomeia uma travessinha da Voluntários da Pátria.

Avenida Otto Baumgart

Do Dicionário de Ruas:

Otto Baumgart nasceu em Blumenau em 11 de setembro de 1897. De 1920 a 1923 fez o curso de engenharia mecânica na Escola Técnica de Mitweida, na Alemanha. Trabalhou com seu irmão durante vários anos. Com a morte do mesmo iniciou a sua independência como firma individual e em 02 de janeiro de 1936, nascia a Otto Baumgart Indústria e Comércio Ltda. e a produção inicial do impermeabilizante "Vedacit". (...) A indústria Otto Baumgart Ind. e Comércio S/A, liderava 60% de participação no mercado brasileiro, tendo como coligada a Vedacit do Nordeste S/A., em Salvador, Bahia. Faleceu em 10 de fevereiro de 1973.

Rua Doutor Zuquim

De nossos desconhecido árabes, passemos ao – popularíssimo, em sua época – Dr. Zuquim. No Dicionário de Ruas: “Doutor Alfredo Zuquim de F. Neves, médico muito conhecido em São Paulo. Foi Vereador de 1896 a 1898”.

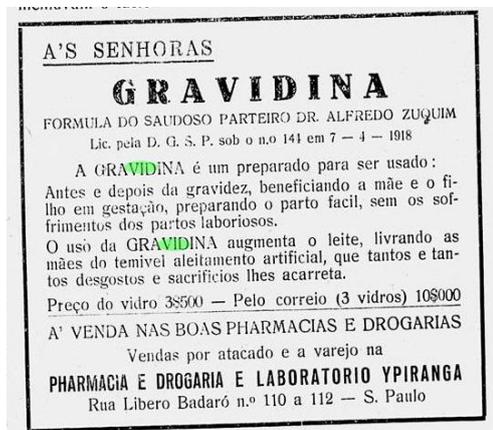
O Dr. Zuquim como médico e envolvido em diversas associações, aparece em centenas de páginas de jornais. Faleceu em 23-12-1911.

Já em 1897 (os telefones de então tinham só 3 dígitos), encontramos um dos tantos anúncios que Zuquim fez publicar nos jornais:



“Vida Moderna”, 26-12-1918. “Dr. Alfredo Zuquim . com 25 annos de Partos”, “não é panacéa” [*defensa non petita...*]. Um pouco pretensiosamente promete “parto facil e rapido, sem dôr e sem os soffrimentos dos partos laboriosos”.

Em 1926, 15 annos após sua morte, o prestígio de nosso médico ainda é usado para avalizar a Gravidina.



“O Sacy” 21-5-26

Rua Doutor César

Ao contrário do Dr. Zuquim, cujo nome é raro, essa homenagem fica totalmente esvaziada por ser genérica: de qual Dr. César estamos falando? Trata-se do Dr. Luiz Cesar do Amaral Gama, falecido em 1921 e que teve alguma relevância em sua época como diretor de Obras Públicas da Câmara Municipal. Passados mais de cem annos de sua morte é impossível a memória dele e temos mais uma rua sem nenhum significado concreto para os atuais moradores do bairro.

Rua Antônio dos Santos Neto

Rua do endereço de muitos de nossos alunos e o Dicionário da Prefeitura anota somente: “Sem histórico para exhibir”. Como os humildes moradores dessa rua...

Rua Leite de Moraes

O Dicionário de Ruas nos informa que o professor Joaquim de Almeida Leite de Moraes nasceu em Porto Feliz em 9 de maio de 1835. Foi deputado provincial e professor da faculdade de Direito. Governou a província de Goiás. Em colaboração com Bento de Paula Souza e Brasílio Machado em 1879, fundou o “Constituinte”, órgão liberal e, em 1883, com Augusto de Souza Queiroz, o “Diário de São Paulo”. Faleceu em São Paulo em 1º de agosto de 1895.

Rua Doutor Gabriel Piza

Do Dicionário de Ruas: “O Dr. Gabriel de Toledo Piza e Almeida, nasceu em Porto Feliz Estado de São Paulo, em 26 de Setembro de 1851. Iniciou a sua vida na lavoura e no comércio, seguindo em 1873, para os Estados Unidos da América do Norte, onde fez o curso de medicina na Universidade da Pensilvania. Viajou pela Europa, vindo clinicar nas cidades de Tietê, Mogi-Mirim e Itatiba. Propagandista da

República, foi deputado provincial nas legislaturas de 1882 e 1887. Proclamado o novo regime, foi nomeado Embaixador do Brasil em Berlim e depois em Paris. Faleceu na cidade de São Paulo em 1925.”

Av. Olavo Fontoura

Do Dicionário de Ruas:

O industrial Olavo Fontoura nasceu em Bragança Paulista, em 05 de dezembro de 1910. Fez seus estudos nos Colégios São Luiz, Rio Branco e Franco-Brasileiro. Kursou depois a Universidade de Milikin, em Dekatur, EUA. Voltando ao Brasil kursou o Colégio Mackenzie e, posteriormente, a Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo, onde colou grau. De 1945 a 1948 foi membro da Casa Civil do governador Ademar de Barros. Exerceu os cargos de diretor-presidente da VASP, presidente da Aerovias Brasil S/A, diretor do Instituto de Medicamentos Fontoura S/A., da Fanto-Química S.A. e da Sociedade Rádio Cultura de São Paulo. (...) Faleceu na Capital paulista em 10 de março de 1968.

De sua ilustre biografia, o fato mais interessante para nossos alunos é o de que foi o “herdeiro” do famoso Biotônico Fontoura, criado por seu pai, Cândido Fontoura, em 1910. O Biotônico Fontoura foi assim nomeado pelo amigo Monteiro Lobato, também promotor do popularíssimo, por décadas, Almanaque Fontoura, surgido em 1920 e que lançou o personagem lobatiano: Jeca Tatu(zinho), com o mais conhecido slogan de Lobato referente ao seu personagem: “O Jeca não é assim, está assim”, ajudando na campanha nacional de esclarecimento da população brasileira sobre a ancilostomíase, amarellão, importância do saneamento e, claro, popularizando o Ankilostomina do Fontoura.



Almanaque do Biotônico, 1935 (ilustração de J. U. Campos).

Uma curiosidade sobre o Biotônico é a de que:

Durante a Lei Seca dos Estados Unidos, de 1920 a 1933, o Biotônico Fontoura foi exportado em grande quantidade para aquele país. Por ser um remédio, sua venda nos Estados Unidos era permitida, mesmo tendo cerca de 9,5% de teor alcoólico.



<https://vejasp.abril.com.br/coluna/memoria/dez-curiosidades-sobre-o-biotonico-fontoura/>

R. Alfredo Pujol

Do Dicionário de Ruas:

O Dr. Alfredo Pujol nasceu em 20 de março de 1865 e formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo. Desde muito moço trabalhou pela causa republicana e exerceu o mandato de deputado estadual nos períodos legislativos de: 1898 a 1900, 1901 a 1903, 1907 a 1909, 1910 a 1912. Foi também deputado Federal de São Paulo e secretário do Interior no período governamental do Dr. Bernadino de Campos. No fôro da capital tornou-se afamada a sua banca de Advogado. Membro da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira de Machado de Assis. Deixou numerosos trabalhos jurídicos e um notável estudo sobre Machado de Assis, além de discursos que fizeram época em São paulo. Faleceu em 20 de maio de 1930.

De heróis a vilões? Rua Darzan e Av. Braz Leme

Do obscuro nome Darzan, da Rua Darzan (nomeada em 1914), a informação oficial do Dicionário de Ruas é:

Deve ser Arzão, sobrenome de três pessoas de grande importância da História de São Paulo; Antônio Rodrigues de Arzão, Cornélio de Arzão e Manuel Rodrigues de Arzão.

Esses Arzão [originalmente “de Azan”], tal como Braz Leme, eram bandeirantes, figuras tradicionalmente glorificadas como emblemáticos heróis (e consagradas no IV Centenário da cidade de São Paulo), mas hoje fortemente contestadas, como no polêmico episódio do incêndio da estátua de Borba Gato, em 24-7-2021.

Um grande ícone do rap nacional, Mano Brown demonstrou apoio a ação e publicou uma foto da estátua do escravizador em chamas. *“Procure saber o porque mas preciso dizer antes de mais nada ; GANHEI O ANO ! Essa estátua è uma Afronta aos nossos ancestrais indígenas! Burn baby burn!!”* legendou o rapper. Porém cerca de uma hora depois a imagem foi apagada.



<https://rapforte.com/incendio-da-estatua-de-borba-gato/>

Dos Darzan, diz o “Correio Paulistano” de 26-2-1929, que praticavam o “péché mignon” (!!) da época: caçar índios – “no rol de seu confisco surgem grilhões e correntes com collares de ferro”. Passada a época de idolatria – em São Paulo, tudo é em louvor dos bandeirantes: Palácio do Governo, Rede de televisão, Colégio, Estradas etc. – hoje essas figuras são postas em xeque e não seria de estranhar que, em futuro próximo, suas ruas mudassem de nome...

Também Braz Leme não está livre da regra bandeirante: escravizar indígenas.

Da revolução de 1932: Av. General Ataliba Leonel e Engº. MacLean

Ataliba Leonel foi político e participou como militar da Revolta Paulista de 1924 e da Revolução Constitucionalista de 1932.



Ataliba Leonel discursa em banquete em sua homenagem “A Vida Moderna”, 11-1-24

De Mac Lean diz o Dicionário de Ruas:

Ronald Douglas Mac Lean, especialista em granadas de mão, ofereceu os seus serviços técnicos, a causa de São Paulo, logo no início do movimento de 32. Trabalhou com grande dedicação na Escola Politécnica, sendo logo a seguir indicado para instruir os jovens no manejo da terrível arma de guerra. Numa de suas experiências, em 07 de setembro, foi vítima de uma explosão inesperada, vindo a falecer.

Em 1936, consolida-se a ideia de erigir um mausoléu em memória dos caídos na Revolução de 1932. A Comissão encarregada, para que a homenagem fosse mais significativa, pede pela imprensa informações sobre os combatentes. No “Correio de São Paulo” (14-1-1936), a Comissão solicita testemunhos sobre Mac Lean e outros oito, a serem homenageados. Mac Lean ganhou a rua em 1935, mas a construção do Obelisco do Ibirapuera só viria a ser iniciada em 1947 e concluída em 1970.

R. Padre Ildefonso

As ruas de nosso bairro acumulam diversas camadas “geológicas” de nossa história: bandeirantes da era colonial, revolucionários de 32, ilustres desconhecidos do século XX etc. Neste ano do bicentenário da Independência, merece especial destaque o Padre Ildefonso Xavier Ferreira, muito próximo de D. Pedro I, para quem, na noite de 7 de setembro de 1822, preparou-se no teatro da Ópera uma aclamação de gala. E foi ninguém menos que o Pe. Ildefonso, estrategicamente situado no cenário, o encarregado de puxar o “Viva o primeiro imperador do Brasil!” para Dom Pedro. Há 100 anos atrás, essa história era narrada em detalhes para as crianças, por exemplo na revista infantil “O Tico-Tico” (2-10-29; 4-2-20 e 2-9-1931).

Considerações Finais

Quando exploramos novas estratégias em sala de aula, temos como objetivo central a busca por uma metodologia que permita a nossos alunos compreenderem melhor o contexto em que eles estão inseridos para que sua cultura (vivências pessoais e saberes historicamente herdados, experiências coletivas e opiniões próprias) seja valorizada no processo de construção do conhecimento na sua formação.

Desde o primeiro ano do Ciclo de Alfabetização no Currículo adotado pelo município de São Paulo, encontramos enfatizado o eixo de estudo de Geografia designado por “O sujeito e seu lugar no mundo”⁵, no qual o objetivo é conhecer o lugar de vivência, a começar pela escola, a moradia, a rua onde vivo, vizinhos e amigos do bairro: os lugares de brincar e passear.

Há até um certo consenso (muito difundido e aceito acriticamente) entre educadores sobre a metodologia: de que a abordagem baseada nos espaços do cotidiano da criança deveria ser gradativamente ampliada, para âmbitos cada vez maiores: seus bairros, cidades, estados e países. Porém, com a Internet, esses “espaços maiores” são fácil e imediatamente acessáveis, dispensando portanto o escalonamento bairro – cidade – estado – região etc. Além disso, o espaço virtual quebra as fronteiras das épocas históricas, permitindo que mesmo o aluno do início da vida escolar tenha razoável autonomia para explorar seu meio, pela interdisciplinaridade. Diante da importância de se estabelecer o reconhecimento do lugar onde se vive e o pertencimento a ele, o artigo pode ajudar a que os alunos entrem em contato com as representações sociais que nomeiam as ruas e vias de seu cotidiano, podendo assim se aproximar de uma outra maneira de conhecer a si mesmos e ao lugar em que estão instalados. Assegurando em sua essência, importantes aspectos estruturantes do Currículo que o município de São Paulo adotou:

“a saber: educação integral, educação inclusiva e equidade; princípios da Matriz de Saberes; Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS); estudo e valorização da História e da cultura dos povos africanos e afro-brasileiros, indígenas, migrantes internos, migrantes internacionais e povos tradicionais, ou seja, contemplando toda a diversidade presente na Cidade de São Paulo”⁶.

⁵ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Geografia – São Paulo: SME / COPED, 2017.

⁶ São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Educação. Coordenadoria Pedagógica. Currículo da cidade: Ensino Fundamental: componente curricular: Geografia – São Paulo: SME / COPED, 2017.

Observações sobre os conceitos de temperamento, caráter e personalidade na obra de David Keirsey

João Sérgio Lauand⁷

Logo no início de sua obra mais importante, *Please Understand Me II (Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988)*, David Keirsey nos diz que há uma longa tradição de pensadores, desde Hipócrates no séc. IV A.C. até os nossos dias, que julgam que nascemos com temperamentos diferentes uns dos outros e com predisposições para agir de certa forma. Muitos desses pensadores seguiram as diferentes teorias de quatro temperamentos.

Nesse texto ele usa a palavra temperamento, mas em outros fala de quatro caracteres ou quatro personalidades. Do que vamos nos ocupar aqui é tentar aprofundar um pouco nas semelhanças e diferenças entre esses conceitos, temperamento, caráter e personalidade, de acordo com Keirsey.



David Keirsey (https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirsey)

Logo de início importa fazer duas observações. A primeira é que não há uma unanimidade entre os pensadores, sobre o significado exato desses termos. Para cada um há um significado diferente. A mesma dificuldade aparece com as letras utilizadas para definir os tipos (S, N, J, etc.), que nem sempre têm o mesmo significado e por

⁷. Doutor pela Feusp.

vezes não se ajustam a seu uso na linguagem comum. Além disso, para Keirsey as pessoas nascem com temperamentos diferentes, enquanto outros pensam que nascemos com as mesmas características, relativizando a importância do temperamento.

Outro detalhe que se nota na leitura de sua obra, como já foi dito acima, é que ele fala de quatro temperamentos, caracteres e personalidades, dando a entender que os limites entre esses conceitos não são absolutamente nítidos.

Conceitos

O capítulo dois da obra citada tem por título “Caráter e temperamento”, que por sua vez tem um subtítulo “Temperamento, caráter e personalidade” (pp. 20 e ss.). Neste ele nos diz que

“antes de traçar a história desses quatro tipos fundamentais de personalidades e de situar os grupos de Myers nesse contexto mais amplo e tradicional, quero esclarecer a natureza do temperamento e do caráter”

Ele se refere aos grupos de Myers porque foi estudando as teorias dessa pesquisadora que ele chegou à sua própria. Isabel Myers se baseou nas teorias e nomenclatura de Jung para criar os 16 tipos da classificação Myers-Briggs. Para isso, Keirsey utilizou os tipos NT e NF, como Myers também fazia, mas destacou os SJ e SP (Myers trabalhava com ST e SF). Além disso, ele afirma que Jung e Myers tentavam compreender como pensam os diferentes tipos, ao passo que ele se volta para o que fazem. Ora, é muito mais fácil entender o que uma pessoa faz do que o que pensa, que é um processo interno.

“A personalidade tem dois lados: um é o temperamento e o outro é o caráter; o primeiro é uma configuração de inclinações, enquanto que o caráter é de hábitos. O caráter é a disposição e o temperamento a predisposição”

Portanto, nascemos com inclinações, tendências a agir de determinada forma, que não é a mesma para todos. Esse é o nosso temperamento, mais expansivo ou reservado, mais observador ou introspectivo, etc. Ao longo da vida vamos tomando decisões, criando hábitos, cujo conjunto é o que chamamos de nosso caráter.

“As raposas, por exemplo, se acham predispostas a assaltar galinheiros, nascem assim, da mesma forma que os castores estão predispostos a obstruir riachos, golfinhos a juntar-se em grupos bem unidos e fuinhas a caçar sozinhas na escuridão. Cada tipo de criatura, a menos que um ambiente desfavorável detenha seu processo de amadurecimento, desenvolve um hábito que corresponde a seu temperamento: roubar galinhas, construir diques, ter companheiros ou caçar na noite”.

As predisposições se tornam hábitos, o temperamento molda o caráter. Cada um de nós nasce com predisposições, diferentes, individuais, que com o tempo irão se definindo e definindo quem seremos.

“Usando outra imagem, nosso cérebro é como um computador que tem seu hardware, o temperamento, e seu software, o caráter; o primeiro é a base física de onde surge o caráter, pondo suas digitais nas atitudes e ações de cada indivíduo. Algumas características aparecem antes de outras, de modo que essa consistência fundamental pode se observar desde cedo e muito antes de que a experiência individual ou o contexto social (o software particular de cada pessoa) tenha tido tempo ou oportunidade de marcar a pessoa. Como se vê, o temperamento é a forma inata da natureza humana, enquanto o caráter, a forma que emerge, é a que se desenvolve através da interação do temperamento e do ambiente”.

Ele insiste em que o temperamento nasce conosco, como uma tendência. A vida, o ambiente e as experiências, vão se encarregando de alterar algumas coisas. Como se costuma dizer, com a sabedoria dos provérbios, “gato escaldado tem medo de água fria”. De tanto ser repreendida por uma atitude, a pessoa pode reprimi-la. O inconstante vira pontual, o extrovertido aprende a calar, o sentimental se endurece para não parecer fraco. Afinal, “é de pequenino que se torce o pepino”. Mas, se há mudanças para o bem, há mudanças para o mal e a história e a literatura tem exemplos de tudo.

Quando uma pessoa tem um temperamento muito forte, e talvez imprevisível, costuma-se dizer que é um temperamental. Em geral, nesses casos estamos falando mais de uma falha de caráter, mas o termo se refere ao temperamento. Também costumamos falar de “formação do caráter” e não do temperamento. Está certo, pois o que muda é o caráter, são os hábitos, e não o temperamento.

“Quero enfatizar que temperamento, caráter e personalidade estão configurados, o que significa que não só estamos predispostos a desenvolver certas atitudes e não outras, certas ações e não outras, mas que essas atitudes e ações estão unidas e permanecem juntas. Assim, por ex., os SP baseiam sua autoimagem na atividade artística, a audácia e a adaptabilidade às circunstâncias, e esses três aspectos evoluem juntos a partir da necessidade. Além disso, esses aspectos se desenvolvem juntos como se proviessem de uma mesma semente e evitam o surgimento de uma autoimagem baseada na empatia, benevolência e autenticidade, que são características dos NF. Da mesma forma os SJ baseiam sua autoimagem na confiabilidade, o serviço e a respeitabilidade, e esses três aspectos surgem juntos como uma estrutura unificada da personalidade. Novamente, esse desenvolvimento se contrapõe a uma autoimagem baseada no engenho, autonomia e força de vontade, características dos NT”.

Fazendo um resumo podemos dizer que cada um de nós nasce com umas predisposições, a que chamamos temperamento. Há temperamentos diferentes e podemos classificá-los em quatro grandes tipos, que se subdividem, resultando em dezesseis possibilidades. Em contato com o ambiente, a educação, autoridades, experiências de vida, etc., vão aparecendo nossos hábitos, resultado da influência de

todos esses fatores sobre nosso temperamento, e a cujo conjunto chamamos caráter. Nosso temperamento permanece e pode não ser fácil – especialmente quando não se têm claros esses conceitos – saber o que é temperamento e o que é caráter. Especialmente quando queremos conhecer o nosso tipo de temperamento, ou o de outra pessoa, não costuma ser fácil separar os dois conceitos. É uma dificuldade nos testes ou outro tipo de identificação. E como diz um texto acima, a personalidade tem dois lados, temperamento e caráter, disposições e hábitos. O conjunto é nossa personalidade. Muito influenciada pelo temperamento, que condiciona o caráter e vai definir a estrutura unificada da personalidade.

Diferenças com outras teorias

Como dissemos acima, nem todos os que se debruçaram sobre essas teorias têm a opinião de que há temperamentos diferentes.

“Esse conceito dos quatro temperamentos distintos, inatos e unificados, põe em dúvida dois dos pontos de vista mais importantes da ciência condutivista do Século XX. O primeiro pode ser chamado de teoria da motivação hierárquica”.

Um de seus expoentes é Abraham Maslow que sustenta que todos estamos motivados por um certo número de necessidades que vão sendo substituídas à medida que passa o tempo e à medida que as atingimos. Para Keirsey, seu erro principal é pensar que todos temos as mesmas motivações e as mesmas necessidades de autoestima, sem considerar os diferentes temperamentos. Outro é Freud que também apresenta uma meta única para todos, no caso o prazer físico.

“A outra perspectiva que é desafiada pela teoria dos quatro temperamentos diz que todos temos as mesmas metas e que, além disso, também passamos pelas mesmas etapas de crescimento e desenvolvimento. Os escritores mais notáveis que se ocupam do amadurecimento dizem que todas as pessoas maduras têm certas atitudes e hábitos, e que todos devemos dar os mesmos passos no desenvolvimento, para chegar a esse ponto. Essa posição foi adotada, às vezes de modo explícito e sempre de modo implícito, por pesquisadores como Gesell, Ilg, Ames, Erikson, Piaget, Sheehy e Levinson, para mencionar alguns dos mais proeminentes”.

Keirsey contesta essas teorias dizendo que qualquer um de seus quatro tipos básicos, SP, SJ, NF e NT, maduro, é surpreendentemente distinto dos outros. Voltando a um exemplo já usado, raposas, castores, golfinhos e fuinhas amadurecem de forma diferente. Ele usa outro exemplo muito significativo, o leão, Dorothy, o homem de lata, e o espantalho, os personagens de “O Mágico de Oz”, que se adaptam muito bem aos tipos de Keirsey pois buscam coragem, segurança, coração e cérebro, e amadurecem persistindo nessa procura.

“O temperamento vai se apresentar na maturidade como em todos os outros domínios da vida; e novamente vamos pensar nele como

congenito, inato e inerente e no caráter como algo configurado com exatidão, traçado com precisão e definitivamente sistêmico. Quer sejamos SP ou SJ, NF ou NT, os aspectos do nosso caráter estão vinculados e unidos por uma origem e destinos comuns; além disso, até que esses aspectos tenham se desenvolvido pode-se dizer que não adquirimos nosso caráter maduro, que nos convertemos em espécimes completos do que devemos ser, da forma como a sementinha se converte em um poderoso carvalho”.

Mais um texto para reforçar a importância do temperamento no pensamento e pesquisas de Keirsey e em com ele julga que somos muito influenciados, em nosso caráter e personalidade, pelo temperamento com que nascemos.

Uma relação com as ideias de Jung e Myers

Quero fazer um último comentário, reproduzindo o que David Keirsey julga ser uma diferença entre suas ideias e as de Jung e Myers. Parece-me que joga um pouco mais de luz sobre o tema de que estamos tratando, as naturezas de temperamento, caráter e personalidade, em sua obra. Todas as citações anteriores são do subtítulo mencionado “Temperamento, caráter e personalidade” (p.20). Agora vamos ao subtítulo “Funções psicológicas versus papéis inteligentes” (p.29).

“A ideia de definir as diferenças de personalidade em relação ao que se pode observar -palavras e ferramentas-, estabelece uma grande distância entre a minha visão da personalidade e a de Myers”.

Em páginas anteriores, Keirsey fala de seu agradecimento e admiração pela obra de Isabel Myers. Conta como ficou feliz ao ler a descrição de seu tipo psicológico e entender porque sempre se sentira sozinho, ao ter um tipo, INTP, com poucas pessoas.

Agora ele vai explicar como chega aos quatro tipos de outra forma além da análise dos pares S-N, e J-P ou N-F. Ele usa os pares em uso abstrato ou concreto das palavras e cooperativo ou utilitário das ferramentas. Assim, por ex., os SP são os concretos e utilitários.

“É preciso recordar que o conceito de tipos de Myers tinha uma forte influência da Tipologia psicológica de Jung, livro onde apresentou a noção estritamente hipotética de que há quatro ‘funções psicológicas’: sensação, intuição, sentimento e reflexão”.

A crítica feita por ele é que esse esquema apresenta como base da personalidade algo que está na mente de cada um e não pode ser observado. E também uma confusão entre conceitos, como os de introversão com intuição.

“A razão das diferenças entre Myers e minha proposta reside em que partimos de premissas completamente distintas. Sem reparar, Myers adotou o elementalismo decimonônico de Jung, que supunha que a personalidade podia se constituir a partir de elementos independentes”

“Durante muito tempo pensei que a personalidade, como a anatomia, não surge por uma integração de elementos, mas pela diferenciação no interior de um todo já integrado, e emerge gradualmente como uma configuração individual. Afirmo que um organismo nunca se integra, pois sempre já está integrado de antemão, e devido a um processo de evolução, se diferencia e se converte na forma madura em que deve se transformar. Assim, da perspectiva da teoria da forma, os aspectos do carácter surgem como células, devido a um processo de diferenciação onde os aspectos se unem e se integram, não por associação, mas por origem e destino comuns. A semente que desde o início era um organismo perfeitamente integrado, já prefigura o régio carvalho em que vai se converter”.

Com estes textos e comentários esperamos ter ajudado a compreender um pouco o pensamento de David Keirsey sobre temperamento, carácter e personalidade. Um tema ao mesmo tempo controverso, pelas diferentes posturas, e essencial na medida em que nos atinge a todos.

Alguns verbetes para um dicionário (datado) de expressões

Jean Lauand⁸

Expressões brasileiras e seu surgimento na imprensa

Este capítulo é uma pequena parte do que será um livro, um Dicionário, para o qual agradeço antecipadamente as sugestões e críticas dos leitores.

Para a elaboração destes verbetes comentados, contamos com a preciosa ferramenta para estudos de fraseologia: o imenso banco de dados da Hemeroteca da Biblioteca Nacional (abreviaremos por BN), que permite a consulta *on-line* de milhares de preciosos periódicos, desde o surgimento da Imprensa brasileira, com a vinda da Família Real.

Certamente, estou ciente do fato de que a datação de surgimento de uma expressão por meio de jornais e revistas envolve um grau de imprecisão, sobretudo em se tratando de gírias (que nem sempre têm lugar na imprensa “séria” – embora contemos também com revistas satíricas, jornais de esportes, enfim, de periódicos mais “descontraídos”).

Azucrinar

A sonoridade de “azucrinar”, palavra que surge na BN na década de 1870, combina muito bem com seu sentido de apoquentar, atazanar, aborrecer, chatear e deixar-nos – para jogar com outros vívidos termos da época – macambúzios e sorumbáticos.

Azucrinar comporta também um componente de insistência, como por exemplo:

O carioca deve andar muito aborrecido em ouvir fallar sómente, com uma insistência de azucrinar, em nosso centenário de independencia (“Jornal do Brasil” RJ, 06-05-1920).

A insistência aborrecida é também típica dos mosquitos, como na advertência da “Revista da Semana” (RJ, 16-06-1928), na iminência de uma epidemia de febre amarela:

Se todos os mosquitos se limitassem a azucrinar (...) seriam ainda toleráveis. A alguns mosquitos, porém, foi cometida a tarefa de distribuir-nos o impaludismo e a febre amarella.

Contemporâneo de “azucrinar” (ou talvez até anterior a ela) é seu sinônimo “azucrim”, que pode ser usado também para a pessoa que chateia. A palavra era tão conhecida, que foi usada para explicar a, então, nova gíria “cacete”:

⁸. Professor Titular Sênior da FEUSP. Professor Colaborador do Colégio Luterano São Paulo.

Cacête é sinônimo de azucrim (...) e de toda a palavra inventada ou por inventar para significar a pessoa, a cousa, o facto que nos aborrece (“A Pacotilha” MA, 03-08-1881)

O azucrim como pessoa ou tipo de pessoa. Ante um mendigo que bate à porta, o dono da casa murmura: “Mais um azucrim!” (“O Orbe”, AL, 31-10-1886). E dedica a um orador de discurso infundável e insôso, o pensamento: “Um azucrim deste calibre só merece o esquartejamento completo” (“Gutenberg”, AL, 22-01-1896). Na segunda metade do século XX, azucrim está praticamente extinto da linguagem viva.

Bitolado – ascensão e queda de uma gíria

“Bitolado”, o sujeito “que tem ideias, opiniões ou conhecimentos estreitos, rígidos, limitados, ultrapassados; quadrado, careta” (Houaiss) foi gíria muito usada desde a década de 60. Caída em desuso, a partir de 2010 só há 10 incidências dessa metáfora na BN, a última em 2014, Uma mãe arrependida, para louvar um Colégio Militar diz:

Eu tinha uma visão errada sobre o Colégio Militar: achava que quem entrasse aqui ficaria bitolado”. (“Correio Braziliense”, 03-04-2014).

Mas nem sempre a metáfora das bitolas que impõem largura fixa aos trilhos de uma ferrovia (ou aos antigos filmes de 35, 16 ou 8 mm., etc.), foi usada pejorativamente. Na BN, desde meados do século XIX, bitolado era simplesmente “pautado”, dentro de determinados limites (para o bem, para o mal ou neutro), como, digamos, “minha conduta é bitolada por padrões éticos”, “escrevia versos bitolados pela métrica”. Esse uso se estende até a década de 1960, quando começa a aparecer “bitolado” sem complementos, no sentido de rígido, que vigorará por cerca de 50 anos.

Bullying – palavra nova para antiga realidade

Embora fenômeno existente desde sempre – nas escolas e fora delas –, foi demasiado tardia a incorporação em nossa língua do termo *bullying* – e não dispunhamos de nenhum vernáculo que a expressasse exatamente.

No Estadão, essa palavra somente aparece em 07-02-2004, em matéria sobre o assunto “Caso de adolescente baiano se encaixa no fenômeno conhecido como *bullying*”, por ocasião de uma tragédia em que um rapaz, cansado de sofrer humilhações, matou duas pessoas e feriu três em Remanso (BA).

Na BN, há algumas poucas referências a *bullying* em 2002. Em 02-11-1997 o “Jornal do Brasil” perdeu uma ótima chance de pioneirismo, quando publicou uma página inteira “O trabalho tiranizado” sobre “perseguições”, “humilhações”, “tirania” etc. no trabalho, mas sem se apropriar da palavra, só citando *bullying* em título de obra e no nome da organização inglesa, fontes da reportagem.

Uma tal palavra fazia muita falta, pois nosso pensamento e percepção da realidade dependem, em boa medida, das palavras de que dispomos na linguagem viva e corrente. Como tão bem apontou Fernando Pessoa (2012), numa das “Quadras ao gosto popular”, para o caso da saudade:

Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.

Valem para toda a realidade humana – e para o *bullying* – as considerações sobre a “latência”, que Abraham Moles tece em seu livro *O Kitsch*. Valendo-se de uma metáfora fotográfica, ele fala de uma *revelação* das impressões confusas (Moles, 1972, p. 11), pelo surgimento de um vocábulo⁹:

O surgimento nas línguas germânicas de um termo preciso para designá-lo [o *Kitsch*] levou-as a uma primeira *tomada de consciência*: através da palavra, o conceito torna-se passível de apreensão, e manipulável... O trajeto científico para conhecer, começa por nomear. (Moles, 1972, pp. 11-12).

De fato – para continuarmos com o caso do *Kitsch* (e *mutatis mutandis* para o do *bullying*) –, sem a posse da palavra é-nos muito mais difícil enfrentá-lo(s) e mesmo reparar em que há, no fundo, qualquer coisa de comum entre o pinguim da geladeira, o anãozinho do jardim, o quadro de incêndio com cores fosforescentes etc. Sem a palavra, nossa percepção da realidade tende a ser difusa. Dispor da palavra *bullying* é, assim, um primeiro passo para combatê-lo.

“Combinar com os russos”, a verdadeira origem da sentença

Segundo Ruy Castro, criterioso biógrafo de Garrincha, é apócrifa a história que atribui ao Mané a famosa sentença. Em artigo recente – “Sem combinar com os russos”, Folha de S. Paulo, 4 de abril de 2021 – aponta para uma versão confiável datada de 1946:

A poucos minutos do jogo Brasil x URSS pela Copa de 1958, o treinador Vicente Feola deu as últimas instruções: “Garrincha, você recebe a bola e dribla o lateral russo. O quarto-zagueiro virá na cobertura e você o dribla também. Já na linha de fundo, cruze para a área onde Vavá estará livre, porque o zagueiro central terá saído para cobrir o quarto-zagueiro”. Garrincha ouviu e disse: “Tá bem, seu Feola. Mas o senhor combinou com os russos?” Em meu livro “Estrela Solitária - Um Brasileiro Chamado Garrincha”, de 1995, ignorei de propósito essa história. Tinha boas razões para isso. (...)

Mas acabo de saber agora que, um dia, ele [o diálogo] aconteceu. Só que não com Garrincha. E sim com Pipi, ponta-esquerda do Corinthians, em 1946. A cena é a mesma. Antes de um jogo, o treinador José Foquer instruiu-o: “Pipi, ao receber a bola caia para a direita e desloque seu marcador. O zagueiro virá em cima de você. Ou você o dribla e chuta a gol, ou passa ao melhor colocado”. E por aí foi até que Pipi, considerado craque e grande gozador, perguntou-lhe: “Foquer, você conversou com eles pra me deixarem fazer isso?”.

A fonte dessa versão foi Domingos da Guia, glória do futebol e companheiro de Pipi no Corinthians naquele ano. Ele a contou numa crônica para a Última Hora, de 2 de julho de 1957, que Marcelo Dunlop, implacável historiador do Flamengo e do futebol, descobriu e, sem combinar com os russos, me enviou.

(<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/ruycastro/2021/04/sem-combinar-com-os-russos.shtml?origin=folha>)

⁹. “Um fator latente... é preciso revelá-lo... como a imagem latente de uma película fotográfica”. (Moles, 1972, p. 11).

Na verdade, o diálogo original remonta a 1935 e ocorreu entre duas famosas personalidades do turfe dos anos 30 e 40: o (então) célebre empresário (proprietário e importador de puros-sangues) Oswaldo Camisa e o jóquei Osmany Coutinho.



Reportagem sobre O. Camisa em "O Globo Sportivo", 15-03-1940



O vitorioso O. Coutinho, celebrado pelo "Sport Ilustrado" de 13-8-1942

O diálogo é narrado jocosamente por "O Imparcial" de 27-07-1935:

O Sr. Oswaldo G. Camisa chamou o jockey Osmany Coutinho, que ia pilotar um dos seus pensionistas e deu a seguinte ordem:
— Porta bem. Colloque se. E na recta final venha por dentro e vença.
O profissional, que faz cabellos brancos no starter, enguliu duas vezes o ar e gaguejou:
— Ma... mas o se-se-senhor já... já fa-falou com os outros?...

Corre-corre, lero-lero e outras expressões de repetição

A repetição muitas vezes denota intensidade: o falar demasiado é blablablá, nhe-nhe-nhem (falar, falar, falar em tupi), patati patatá ou lero-lero; filme de muito

tiro é banguê-banguê; despedida para valer é tchau-tchau; e o cara cheio de si chega chegando, diz “tô que tô” (ou “vamo que vamo”), enfim ele quer porque quer se impor.

A duplicação pode indicar, ademais, um certo descontrole: “a manifestação estava pacífica, mas quando chegou na Paulista começou o quebra-quebra”; “a reunião ia bem, mas quando veio o pessoal do sindicato, aí virou oba-oba”; “o dia da mudança foi um lufa-lufa”; “a saída do estádio estava comportada até que começou o empurra-empurra”; “em época de visita do MEC, a secretaria da faculdade é o maior vuco-vuco”; “tá rolando um zum zum zum, um diz-que-diz que de que vai haver cortes nos salários”.

Para não falar nas maliciosas lepo-lepo (o grande sucesso da banda baiana Psirico no carnaval de 2014), bunga-bunga (ou a “conga-conga” da Gretchen), que evocam também o caráter de descontrole, de pega-pega, de treme-treme, de nheco-nheco, de rala-rala que a repetição em alguns casos indica. O caso de bunga-bunga ficou célebre pelas orgias de Silvio Berlusconi (a expressão tem origem numa antiga piada (que teria sido contada a Berlusconi por Kadaffi): um grupo de antropólogos e exploradores na África é aprisionado por uma tribo selvagem e o chefe pergunta se eles preferem a morte ou bunga-bunga (?). Um primeiro membro da expedição pede bunga-bunga e é brutalmente violentado pelos machos da tribo e, em seguida, queimado vivo. Um segundo, pensando que os nativos tinham se equivocado e entendido “morte”, pede também o bunga-bunga e tem o mesmo destino do primeiro. Então o terceiro pede diretamente a morte e o chefe da tribo diz: “Pedi morte terá morte, mas antes bunga-bunga!”

Outras vezes a ênfase está na mera repetição: pisca-pisca, bilu-bilu, puxa-puxa, chup-chup, cri-cri, pula-pula ou o cai-cai do futebolista manhoso. Em outro estudo já falamos do (pirulito que) bate-bate. Repetições que, por vezes, recolhem onomatopeias como teco-teco, reco-reco, xique-xique ou os pássaros quero-quero e tico-tico. Ou indicam alternância, como em troca-troca ou pingue pongue.

Já o falar infantil tem uma tendência a repetir as sílabas: nos apelidos carinhosos (Juju, Mimi, Dudu, Fafá, Zezé) ou no ambiente familiar (vovó, mamãe, titia) e suas atividades como comer (papá), ou necessidades (pipi, cocô, naná).

A repetição “assim assim” indica indeterminação: não posso dizer que estou bem (não sou nenhum bam bam bam) nem que estou mal: estou assim assim. Como antigamente era frequente a saudação (também de indeterminação): “Ó, Fulano, que bom te rever, vejo que você está cada vez mais cada vez...”

A repetição pode também indicar concordância absoluta, para encerrar um assunto, muito usada na Espanha. Ao alugar um carro no aeroporto de Madri, apliquei uma piada no funcionário que preenchia o formulário. Em dado momento, ele pediu: “- Su permiso para conducir” (“Dê-me sua carteira de motorista”) e respondi tomando a chave do carro e entregando a ele: “Hombre, conduzca, conduzca!” (“Claro, pode dirigir...”)

Já nos evangelhos, Jesus emprega a repetição como forma de carinhosa censura, como que chamando a atenção para algo que esperava do interlocutor e está um pouco decepcionado pela sua falta de sensibilidade. Assim, quando Marta se queixa de que sua irmã Maria não a ajuda no trabalho da casa e fica ouvindo o Mestre, Jesus a repreende: “Marta, Marta, tu te ocupas de muitas coisas, mas só uma é necessária” (Lc 10, 41). E ante Jerusalém, que não sabe corresponder a seu amor: “Jerusalém, Jerusalém, quantas vezes eu quis reunir teus filhos... mas tu não quiseste” (Mt 23, 37). E a Saulo, que antes de se converter perseguia os cristãos: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” (At, 9, 4).

Caberiam muitos outros casos, mas detenho-me aqui, pois esta tarefa não rende dindim e os exemplos acima já são mais do que suficientes para mostrar que brincando brincando, a repetição pode sutilmente indicar diversas realidades.

Devo, não nego, pago quando puder

Em 3 de agosto de 2021, o ministro da Economia Paulo Guedes assustou os investidores:

“Pago quando puder” de Guedes amplia temor de investidores

O ministro da Economia, Paulo Guedes, voltou a defender ontem o pagamento parcelado dos precatórios, valores devidos após sentença definitiva na Justiça. E, para tentar refutar a ideia de calote, ele usou uma expressão popular: “Devo, não nego; pagarei assim que puder”. (“O Estado de S. Paulo”, 04-08-2021, manchete de capa).

E é que mesmo o ministro afirmando categoricamente que “não haverá calote”, em um país de inadimplências e golpes, a expressão “devo, não nego...”, sesquicentenária na BN, é desde seu surgimento, usada muito frequentemente como a implícita ameaça de puro e simples não pagamento, ou na tradução jocosa: “Devo, não pago, nego enquanto puder”.

Já em sua primeira aparição na BN, vem em uma caricatura de calote com legenda de forma rimada: “Devo, não nego; terei / Quando tiver, pagarei”



“A Comedia Popular”, RJ, 28-03-1878

Como quase sinônima de “pendura”, “prego” e calote, não é raro encontrar a expressão em manchetes de ocorrências policiais, como as de “A Noite” (RJ), respectivamente de 06-10-1930 e 04-11-1940:

... nossa paz e nossa gente as

Comeu, não pagou e apanhou...

O operario Antonio Felix de Oliveira, a quem sobrava fome, mas faltava o dinheiro, entrou, hoje, no restaurante da rua Visconde de Itaúna, esquina da praça da Republica, pediu varios pratos, comeu tudo e, depois, virando-se para o “garçon”, disse:

— Ponha na “lista”...

— Que lista?

— Aquella do “devo, não nego, pagarei quando puder”...

— Ah! isso é que não!

— Como não, se não tenho dinheiro?

— Então por que comeu?...

— Porque tinha fome...

Estabeleceu-se a discussão, no auge da qual o “garçon” entrou a agredir Oliveira, a socos, ferindo-o na cabeça, no rosto e no nariz.

O aggressor fugiu e a victima se medicou no Posto Central de Assistencia, retirando-se em seguida.

DEVO, NAO NEGO; pagarei quando puder

E acabou matando o dono do botequim

O fato foi, ha dias, noticiado pela A NOITE, Manoel de Paula matara a fome no botequim de Domingos Pinto Marques, estabelecido á estrada Caetano Montelro sem numero, em Niterói. Comeu e bebeu a falar-se. A hora, porém de pagar a despesa, o malandro virou-se para o botiqueiro e disse:
— Devo, não nego; pagarei quando puder...

O dono do botequim achou ruim. Não estava ali para fazer escola... Se o freguez não tinha dinheiro, que o dissesse antes de fazer a despesa. Isso foi o "basta" para que Manoel de Paula, sacasse de uma faca e ferisse gravemente a Domingos Pinto Marques, que, removido para o Serviço de Pronto Socorro, veio a falecer, ali, ontem, á tarde. O



Outra forma clássica, jocosa e rimada de anunciar calote era mandar “pôr na conta do Abreu...” (“...se ele não pagar, nem eu”), também presente no noticiário policial:

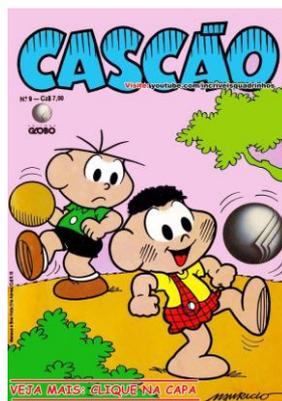
BEBIA E NÃO PAGAVA: FEIRANTE LEVOU BALA

O feirante Celso Rodrigues Vieira (casado, 40 anos, Travessa do Colégio, 282 — Colégio), era acostumado a tomar suas cachaças por aí e mandar pôr “na conta do Abreu”. Uma de suas vítimas é o dono de uma “tendinha” da Favela Para-Pedro, onde Celso cansou-se de encher a cuca sem pagar nada. Ia sempre “enrolando” o comerciante, pedindo para “pôr no prego”.

Mas, ontem, a coisa extravasou. Uma discussão irrompeu dentro do boteco, entre o dono da tendinha, o feirante e mais dois elementos que ali bebiam. De repente, dois tiros ecoaram no morro, e o trambiqueiro foi levado para o HGV com ferimento no tórax e ombro direito. Agora, está repousando por conta do Estado, continua sem pagar nada, e a 39.ª Delegacia trata de identificar os agressores.

“A Luta Democrática” RJ, 07-07-1972

Embaixadinha



<https://br.pinterest.com/pin/773141461018286441/>

Começou como mera brincadeira de exibição de talento e de autoafirmação no futebol. Hoje, é coisa séria e valorizada e diversas entidades promovem campeonatos de embaixadinha. O brasileiro Ricardo da Silva Neves, nos dias 13 e 14 de novembro

de 2021, quebrou o recorde mundial, fazendo embaixadinhas por 34 horas e cinco minutos sem deixar a bola cair (<https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/11/18/recorde-mundial-embaixadinhas.htm>).

A gracinha acrobática aparece por primeira vez na BN em 1971. Paulo César, do Botafogo, desolado chora na beira do gramado a perda do título para o Fluminense, logo ele que “Ali, exatamente ali, [onde] êle fêz, num jôgo contra o Vasco, uma embaixadinha humilhante” (“Correio da Manhã” RJ, 29-06-1971).

Era (só) o que faltava

“Era o que faltava”, “era só o que (me) faltava”, “só faltava essa”, são variantes de desabafo de quem julgava já ter sofrido todos as adversidades, reveses e já conhecido todas as perplexidades mas, de repente é surpreendido por mais uma: era o que faltava! Essa sensação de que a maldade é interminável (e criativa) tem sido usada continuamente ao longo dos duzentos anos de imprensa nacional na BN: aparece por primeira vez em 21-02-1823, em “O Espelho” (RJ):

“Oh! Então havíamos de estar em Lisboa a trabalhar para o Estado á nossa custa? Isso era o que faltava!”

Espertos, espertinhos, espertalhões

Se “esperto” (etimologicamente: desperto) é qualidade positiva de quem é inteligente, perspicaz, atento ou ligeiro, pode também ser empregado no sentido negativo de “espertalhão” (que utiliza meios pouco honestos; trai a confiança dos outros – Houaiss) ou “espertinho” (que quer bancar o esperto – Houaiss). Infelizmente, ainda está muito arraigada em nossa cultura a valorização da “esperteza”, da malandragem, do “levar vantagem em tudo” (“o brasileiro é que é *ishperto*, os outros são trouxas”). Tudo isso encontra-se na imprensa brasileira já desde seus primórdios.

“Esperto” aparece na BN em 1813, no bom sentido: referindo-se a um diplomata russo “esperto e sabido” que previra o desastre de Napoleão na campanha da Rússia (“Idade D’Ouro do Brazil” BA, 04-05-1813). Em janeiro do mesmo ano, “esperto” tinha sido empregado como verbo em “O Patriota” (RJ), no sentido de despertar, avivar o fogo: “Misturo bem o carvão (...) e então esperto o fogo”. Também muito cedo ocorre no sentido pejorativo:

(...) Que cada hum faça por ser mais socarrão, esperto e gerigote, e andem as embaçadellas na ordem do dia. (“O Carapuceiro”, 21-04-1838).

Na década de 1820 já aparece “espertinho”: “E tão espertinho, tão resvaladiço, cahiste na ratoeira” (“Diario de Pernambuco”, 09-11-1829). E, na mesma década, também “espertalhão”: “o secretario Antonio Pereira Rebouças (...) bonifrates e espertalhão por natureza” (“O Spectador Brasileiro” RJ, 20-09-1824).

Também “esperteza” não só hoje, mas também na época, já era na maior parte das vezes considerada em sentido negativo: “os anarchistas nada sabem de cambios, nem conhecem a esperteza, ou velhacaria dos Inglezes” (“Astrea” RJ, 08-08-1826).

Freud explica

Nem sempre é fácil atinar com os motivos de uma ação de alguém. Ante um ato imprevisto, sem razoabilidade aparente, expressamos nossa surpresa ou perplexidade com expressões como: “eu sei lá”, “vai saber?”, “vai entender?” etc. Ou,

recorrendo aos clássicos, aludimos às cegas “razões do coração”, “que a própria razão desconhece” (Pascal); ou ao mistério que se impõe à condição humana: “há muito mais coisas entre o céu e a terra do que sonha a nossa vã filosofia” (Shakespeare).

Com o advento da psicanálise, popularizou-se (e até vulgarizou-se) a expressão “Freud explica”, esta com uma ponta de jocosidade, ironia e malícia. Sim, agora temos uma possibilidade de explicação, para além do nível consciente, que é a chave para decifrar comportamentos aparentemente infundados... Nesse sentido, Nelson Rodrigues costumava recordar um personagem que conhecera:

Na minha adolescência [final da década de 20], conheci um comissário de Polícia que fêz, de Freud, pau para toda obra. Se a galinha pulava a cerca do vizinho, ou se o caçula enfiava o dedo no nariz, dizia a autoridade: – “Freud explica isso”. Bom tempo, em que Freud explicava tudo. Pois eu diria que só Freud poderia talvez explicar o afã destrutivo de meus colegas. (RJ, “Jornal dos Sports”, 15-07-1967).

Inicialmente, não era uma expressão feita e exigia objeto direto. Aparece na BN já em 1920, em uma crítica teatral, referindo-se ao traumatismo de uma personagem:

À luz dos conhecimentos modernos a genial doutrina de Freud explica exuberantemente este caso pathológico. (“Palcos e telas”, RJ, 08-04-1920)

Quanto ao uso da expressão, seu auge de moda é de 1990 a 1999, quando a BN registra 495 incidências e no Estadão temos o pico de 131, caindo nos anos seguintes (em 2015 e 2019 chegando a zero aparições no Estadão).

Já a jocosa “nem Freud explica”, surge na BN em 1950 (“O Carioca”, 7-12-1950) e após 84 aparições nos anos 90, decaí e nos anos 2010 conta somente com minguadas 11 incidências.

Na mesma linha de “nem Freud explica”, no pensamento de Pascal sobre as “razões que a própria razão desconhece” o coração é, na imprensa brasileira, substituído por diversas outras caprichosas instâncias: “a máquina fiscal” (“Manchete”, 1954), “a moda” (“O Pasquim”, 1981), “o cinema” (“Jornal dos Sports”, 1960), “a burocracia” (“O Cruzeiro”, 1951) etc.

Do mesmo modo a sentença shakesperiana das “muito mais coisas entre o céu e a terra” é usada não só para a nossa vã filosofia, mas também para as misteriosas: organização do “GP de F1 do Brasil – 1987” (“Jornal dos Sports”, 1986), “contas telefônicas abusivas” (“Jornal do Brasil”, 1982), “situação pré-eleitoral do Brasil” (“Tribuna da Imprensa”, 2005) etc.

Gambiarra

“Gambiarra” é uma daquelas palavras cujo sentido metafórico e derivado acaba por prevalecer sobre o sentido próprio e original.

É uma palavra antiga que tem designado (em seu sentido próprio) alguns tipos de equipamentos de iluminação, especialmente em teatros. Sua primeira aparição na BN é em 1857 em um anúncio do “Jornal do Commercio” (RJ):

VENDE-SE uma illuminação de teatro em bom uso, com gambiarra e pertences, propria para algum teatro de provincia ou interior; na rua de Santa Anna n.55

Chegou a ser até metonímia de teatro; “À luz da Gambiarra” era a coluna de Teatro de “O Malho”, no começo do século XX:



(“O Malho” RJ, 15-09-08)

Até a era das lâmpadas elétricas, a gambiarra era a gás, como, por exemplo, a enorme gambiarra anunciada pelo “Congresso Gymnastico Portuguez”, para a cerimônia de benção de seu estandarte:



E não lhes conto nada! [haverá] uma enorme gambiarra gazo-metrica, imitação de luz electrica sem pilhas, colocada em lugar visivel no *Gallinheiro* provará mesmo àquelles que a natureza castiga deitando *peneira nos olhos* que – *nem tudo que luz é ouro* (...)
(“Jornal do Commercio” RJ, 21-02-1875)

Com o advento da luz elétrica, “gambiarra”, hoje, tem 3 significados técnicos, todos ligados à iluminação: “lâmpada instalada na extremidade dum comprido cabo elétrico para poder ser utilizada numa área relativamente grande”, “rosário de lâmpadas com que se iluminam fortemente determinados locais, quando necessário” e “rampa de luzes e/ou refletores, de cores variadas, situada ao lado de outras, ou na parte anterior do urdimento, acima da ribalta, ou no teto da plateia, a alguns metros de distância do palco”.

Para além desses significados técnicos, “gambiarra” é muitíssimo mais usada atualmente na linguagem popular para objetivações do “jeitinho” brasileiro (/malandragem brasileira): “recurso geralmente provisório para solucionar um problema” (Aurélio, pop.) ou “extensão puxada fraudulentamente para furtar energia elétrica; gato” (Houaiss, uso informal). Assim, das 105 incidências de “gambiarra” no

Estadão (de 01-01-2017 a 20-07-2021) – a imensa maioria referindo-se à manobras políticas ou jurídicas –, apenas uma (12-08-2018) é no sentido próprio e original de iluminação de ambientes...

Já deu o que tinha que (/de /a) dar

Ainda hoje muito usada – para indicar, obviamente, o término, esgotamento, fim de um ciclo de algo – essa expressão é muito antiga, mais do que sesquicentenária, e aparece na BN já em 1869, em “O Estandarte” de Cachoeiro de Itapemirim, que noticia um encontro internacional de chapeleiros, no qual:

Trata-se de achar uma nova forma de chapéu para os homens. O cano de chaminé já deu o que tinha de dar (07-01-1869).

Também muito antigos são os trocadilhos a que se presta: em uma piada de 1881, ao ouvir de um amigo que se gabara de ter lhe servido uma taça de um “vinho generoso”, o interlocutor responde: “sim, tão generoso, que já deu tudo o que tinha a dar” (“Revista da Semana”, RJ, 02-06-1901).

E nesses primeiros anos do século XX, o debochado e libidinoso “O Rio-Nú”, usa e abusa de piadas e insinuações de duplo sentido, em torno a essa expressão, como por exemplo:



Além do fatídico verbo “dar” (“deu o que tinha que dar”) a piada acima joga com o duplo sentido de “boceta”, à época, uma caixa para guardar pequenos objetos: “boceta de rapé”, “boceta de confeitos” etc.

Não é de surpreender que, por essas e por outras, “boceta” iria acabar perdendo seu sentido de caixa para passar a significar apenas “vulva”. A título de curiosidade, registramos que já em 1906 a Odeon lança em disco, para Casa Edison, a safada cançoneta “A boceta de rapé”, também sobre “a boceta da vovó”: <https://www.youtube.com/watch?v=S6legdy1fCM> (acesso em 28-10-2021). Como se vê, é muito arraigada no Brasil a tradição de jocosidades de duplo sentido, mais ou menos engenhosas.

Longo e tenebroso inverno / luz no fim do túnel

É um dos tantos floreios, que podem se adicionar à fala para efeito de ênfase ou jocosidade (até que se tornem enjoativos e caiam em desuso). Substitui-se: “longo tempo” (de penúria), por “depois de um longo e tenebroso inverno”; “resumo”, por “resumo da ópera”; “portuguesa” (linguiça, festa, sardinha, final de futebol, pizza etc.), por “portuguesa com certeza”; acrescenta-se “como diria Jack, o estripador” a “vamos por partes” etc. Naturalmente, os jovens que ouvem ou usam essas expressões não têm conexão com sua origem histórica: a maioria nem sabe o que é um libreto de

ópera; nunca ouviram “Uma casa portuguesa” – celeberrima canção de 1953, da divina Amália Rodrigues (também ela lhes é desconhecida), cujo refrão era “É uma casa portuguesa, como certeza; é com certeza uma casa portuguesa”; desconhecem “Jack the Ripper”. E não têm a mínima ideia de que raios de inverno é longo e tenebroso.

Essa expressão é um verso do soneto “Visita à casa paterna”, publicado em 1876, pelo poeta Luís Guimarães Júnior:

Como a ave que volta ao ninho antigo,
Depois de um longo e tenebroso inverno.

O poema foi bem acolhido na época e reproduzido em diversos periódicos da BN, no século XIX. Incluído em antologias escolares teve seu auge em meados do século XX.

A expressão começa a aparecer solta, a partir da década de 40, destacada do soneto, como rodeio jocoso para expressar uma recuperação após “longo tempo”: “Depois de um longo e tenebroso inverno, o centroavante voltou a marcar gols no jogo de ontem” ou “A Bolsa voltou a subir, depois de um longo...”. O uso estende-se pelas décadas de 50 a 80 e depois entra em declínio e vai minguando até a última aparição na BN em 2013. À medida que vai encerrando seu ciclo, a expressão vai dando lugar a uma como que substituta: “luz no fim do túnel”, metáfora tomada do inglês (“*light at the end of the tunnel*”).

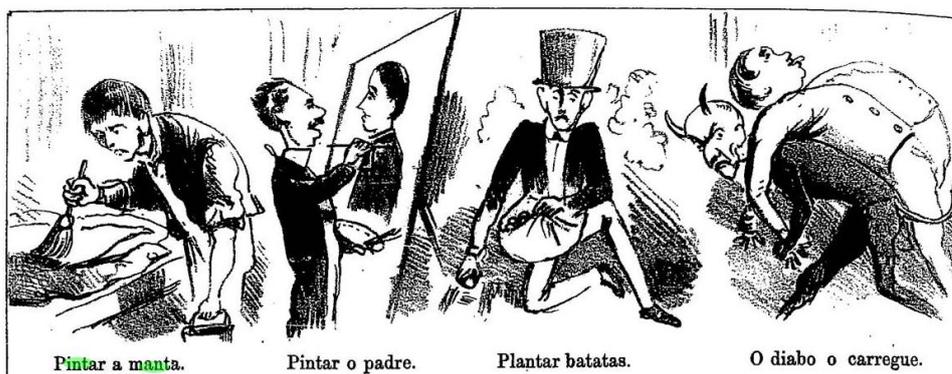
Pintar o sete (e muitos outros pintares)

Segundo o Houaiss, um dos sentidos de “pintar” é “exceder-se em brincadeiras e diversões”. Daí diversas expressões com “pintar”, que potencializam esse comportamento desajustado, que “apronta” desordens, confusões e travessuras.

Expressão antiga, “pintar o sete” surge na BN já em 1878:

Queriam Tonho e Zé pintar o sete
Pois traziam navalha e canivete
 (“Gazeta de Notícias”, RJ, 04-02-1878)

Mas, na época, “pintar o sete” é apenas uma de muitas outras expressões de sentido igual ou semelhante, todas em torno do “pintar”. Mais antigas e mais usadas, então, são “pintar a manta” e “pintar o padre”, como mostra a caricatura que joga com a interpretação literal de expressões populares em 1868:



“Semana Ilustrada” RJ, 26-04-1868)

“Pintar a manta” aparece na BN em 1860, a propósito de um fiscal faccioso, que veio “*pintar a manta* nas eleições de 7 de setembro” (“O Correio da Tarde” RJ, 10-09-1860).

“Pintar o padre”, da mesma família e com o mesmo sentido de “pintar o sete” (ou o padre), surge na BN em 1856 (“Jornal do Commercio”). Nesse mesmo ano, a primeira aparição da sinônima “pintar o diabo”: “serei pago! ... ou hei de pintar o diabo!” (“Diario do Rio de Janeiro”).

Com esse mesmo sentido, aparece na BN em 1918 “pintar o burro” (“O Paiz”); “pintar a macaca”, em 1903 (“Gazeta de Petrópolis”), em 1879 “pintar o caneco” (“Jornal da Tarde” SP) e, em 1917, “pintar o caramujo” (“Correio da Manhã”, RJ).

“Pintar e bordar”, no sentido metafórico, é muito mais tardia: surge na BN só em 1960, com Nelson Rodrigues, inicialmente significando apenas “fazer de tudo”, “fazer qualquer coisa”, “fazer o que bem entender”. Diz a ex-namorada enfurecida, afirmando que jamais voltará para aquele homem: “Só se eu não tivesse vergonha na cara! Ele pode pintar e bordar que comigo, já sabe – não arranja tostão!” (“Última Hora” RJ, 17-09-1960).

Pisar na bola / Pisou no tomate

“Pisar na bola” já se incorporou ao falar brasileiro para expressar erro, falha, ação decepcionante etc. De tanto ser usada em sentido literal, desde sempre pela crônica futebolística, acabou entrando também para a linguagem metafórica. Datar sua aparição, nesse último sentido, é tarefa ingrata, mas talvez seja em 1976 a primeira ocorrência de uso não literal, em contexto extra futebolístico: três soldados e um cabo foram autores do assassinato de três inocentes; depois, o cabo, apavorado, confessou e entregou tudo. Valdeci, um dos soldados homicidas, preso, deu essa contribuição ao português brasileiro, ao desabafar:

– O cabo pisou na bola e estragou tudo!
 (“O Fluminense”, 12-20-1976)

Na década de 80 e seguintes, “pisar na bola” se consolida em seu sentido metafórico, que prevalece e aparece centenas de vezes na BN, a ponto de a imprensa, em certos casos, ter de advertir: “literalmente pisou na bola”.

“Pisou no tomate” é mais um bordão, dos anos 80, do narrador de futebol Osmar Santos que passou (limitadamente) para o linguajar comum: não chega a 100 ocorrências na BN. A partir de 2010 praticamente desaparece da BN (somente duas incidências, ambas em 2012) e, em 1986, o crítico de TV Fernando Lobo já a qualificava de “muito chata” (“Jornal do Commercio” RJ, 26-01-1986).

Sobrar (no sentido de “*excelenciar*”)

Para significar excelência, vem sendo usado, em nova acepção, o verbo “sobrar”. Talvez a primeira aparição nesse sentido na BN seja com Armando Nogueira, há cerca de meio século:

[Faz rasgados elogios ao futebol do Fluminense e prossegue]
Fisicamente? Sobrou em campo: eu não sei desde quando seus jogadores estão nessa forma atlética, nem até quando poderão manter tão alto nível de rendimento, mas que estão no esplendor, estão.
 (“Jornal dos Sports”, RJ, 18-08-1970)

Outro novo sentido de “sobrar” (“sobrar para”) é: atingir, caber, “coisa ruim ou desconfortável” (Houaiss). Nesse sentido, uma das Frases do Ano de 2012 foi a bombástica declaração de Marcos Valério (Folha, 3-11-12): “Não podem condenar

apenas os mequetrefes. Só não sobrou para o Lula porque eu, o Delúbio e o Zé [Dirceu] não falamos”.

A acepção, popular e coloquial, de “sobrar” no sentido de excelência, acaba coincidindo com o clássico conceito de virtude. De fato, o conceito grego de virtude, *areté*, é melhor traduzido por excelência. E para S. Tomás de Aquino, o melhor referencial da teologia cristã medieval, a virtude dirige-se ao *ultimum potentiae*, nada menos do que o máximo do que se pode ser. Daí a extrema cautela na época em se atribuir a alguém virtude, considerada mais um ideal assintótico do que algo efetivamente atingível. E, no caso da tradição cristã, especialmente para algumas virtudes, há que se contar com a graça, a força sobrenatural dada por Deus, pois transcendem os limites do humano. Daí que alguns poucos goleiros, que, por Deus, manifestam virtudes heróicas e operam milagres, tenham sido “canonizados”, como o caso de São Marcos do Palmeiras e, no mundial de Yokohama, São Cássio.

Voltando à escala humana, virtude pode ser aplicada, digamos, a um exímio instrumentista, um autêntico virtuose.

Mas o que dizer daquele terceiro gol do Brasil na final contra a Suécia na final da Copa de 58, em que Pelé, um garoto de 17 anos, assombrou o mundo ou o “gol do século”, de Maradona contra a Inglaterra, na copa de 2002? Para estes casos, nem nosso conceito de virtude parece suficiente; mais adequado é o excesso: uma importante nota do conceito árabe contido em sua palavra para virtude: *fđl* (*faḍlah*).

Em torno de *fđl* confundem-se, entre outras, as ideias de sobrar (exceder, transbordar) e virtude. A virtude, portanto, não é associada a um “mero” máximo, mas ao sobrar, ao transbordante...

Essa acumulação semântica, para o falante árabe é conatural. Como no caso de um pedido qualquer: “por favor” em árabe é precisamente: *min fadlik*, literalmente “da sua transbordância (/ virtude etc.)”. “Da sua transbordância, poderia me dar um cigarro”; que, certamente, não se refere a uma transbordância de cigarros, mas à da generosidade da alma da pessoa a quem se pede o favor.

Outra sugestiva situação é a de quando num happy hour *sobra* um último pastel e resolve-se o impasse de a quem cabe o petisco, oferecendo-o a um dos comensais, dizendo: “*Al-faḍli lil faḍyl*” – o que sobra é para o virtuoso (/transbordante / preferido...).

Aplicada a Allah – à Sua transbordância, favor, preferência, virtude... –, *fđl* aparece no Alcorão 62 vezes. Allah supera, excede, transborda... Na sura IV (73), são prometidos prêmios divinos aos que fazem boas obras e ainda mais: “Allah lhes acrescentará algo de Sua ‘transbordância’”. Há notórios favores de Allah para a humanidade, mas a maioria dos homens nem agradece (II, 243; X, 60; XII, 38 etc.).

A tradição muçulmana dos 99 nomes de Deus reconhece que há ainda, no Alcorão e nos *hadith*, outros nomes (que sobram) de Allah: e certamente o Transbordante (o Obsequioso) é uma dessas características divinas (XXVII, 73), já que os homens, que mal dão conta do básico, só em raríssimos casos, e com os devidos descontos, podem ser chamados de virtuosos.

Referências

Moles, Abraham **O kitsch**, São Paulo: Perspectiva, 1972.

Pessoa, Fernando, **Quadras ao gosto popular**, 2012. Disponível em <https://www.luso-poemas.net/modules/news03/article.php?storyid=1584>

Contemplação como ferramenta de profanação: recuperando uma teologia da Criação

Alexandre Medeiros¹⁰

Resumo: Este artigo nasce da indignação ante um cristianismo “de regras e normas”, buscando uma tentativa de “profanação”. Será importante para nossa análise usarmos Giorgio Agamben, polêmico filósofo da atualidade, que se dedica a “profanar o sagrado, ou melhor” a “devolver à comunidade humana aquilo que historicamente foi subtraído ao uso comum através da sacralização”. Seguindo este caminho, visitarei o conceito de participação de Tomás de Aquino, explorado pelos autores Josef Pieper e Jean Lauand, ambos intérpretes de Aquino. Explorarei conjuntamente o conceito de admiração de Josef Pieper, buscando os abalos admirativos que nos espantam. Na teologia de Rubem Alves e na poesia de Adélia Prado, buscarei uma tradução deste abalo admirativo em uma mística. Mística advinda da contemplação, que devolve a alegria, o divertimento, a beleza e o riso, que foram sacrificados e consagrados no altar da “santidade”.

Palavras Chave: consagração. profanação. contemplação. admiração. alegria.

Abstract: This article is against a Christianity “of rules and regulations”, proposing the concept of profanation of Giorgio Agamben, along with the concept of participation of Thomas Aquinas, as explained by Josef Pieper and Jean Lauand. And so we propose an “earthly contemplation”, based on admiration, according to Josef Pieper, Rubem Alves and Adelia Prado.

Keywords: profanation. contemplation. admiration. joy.

Introdução

Nos “autores cristãos dos primeiros séculos”, encontramos a discussão – lei, regra e vida. Neste período destaca-se Tertuliano (AGAMBEN, 2014, p. 56). Este entendia que: “dissolvida a forma velha da lei (mosaica), os apóstolos, pela autoridade do Espírito Santo”, dariam uma “*nova lex*”, que por ser uma nova lei, não podia ter a mesma forma da lei mosaica. Mas como *regula*, ou seja, regra, aproximava-se de preceitos que iriam guiar e orientar a vida (AGAMBEN, 2014, p. 59). Giorgio Agamben menciona que a “regra é produzida [...] a partir do direito existente”. Tertuliano “está entre os primeiros a servir-se” deste formato (AGAMBEN, 2014, p. 80 - 81) para elaborar seus preceitos de santidade.

A questão das regras “não se trata simplesmente da construção retórica de uma oralidade fictícia”, mas “a regra no ato de constituir-se como texto”, passa a “adquirir autoridade, passando da regra-forma de vida para a regra-texto, [...] em busca de um ideal da perfeita vida” (AGAMBEN, 2014, p. 89). Neste momento, o texto se torna

¹⁰ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB; Licenciado em Educação – FPSJ; Especialista em Estudos Teológicos – UNASP; Mestre em Ciências da Religião – UMESP; Doutor em Ciências da Religião – UMESP. Pós-doutorando em Educação na FEUSP.

“autoridade”, passa a ser “escritura”, ou seja, “Deus diz”. Entenda-se “escritura [...] evidentemente o texto da regra” (AGAMBEN, 2014, p. 90). “Deus diz”:

Não irás ao circo, nem ao teatro, nem às competições, não irás a jogos [...] Feliz o homem que não foi para a assembleia dos ímpios nem foi visto no caminho dos pecadores, nem se sentou na cátedra dos grandes trastes” [...] Aquelas [mulheres] que “pintam o cabelo com açafraão [...] pressagiam com a sua cabeça a cor do fogo do inferno (*Apud* TERTULIANO, LAUAND, 2009, p. 16-15).

Em meados do século XIX, alguns grupos religiosos americanos repetiram a fórmula “tertuliana” de moralismo, advertindo os cristãos. “Deus diz”:

Os que estão aguardando e esperando o aparecimento de Cristo nas nuvens do Céu não se misturarão com o mundo em sociedades e reuniões de divertimento, meramente para seu próprio deleite [...] Entre as casas de diversões, a mais perigosa é o teatro. Em lugar de ser uma escola de moralidade e virtude, como costuma ser chamada, é ele justamente o viveiro da imoralidade [...] Os únicos entretenimentos seguros são aqueles que não afugentam os pensamentos sérios e religiosos (WHITE, 2008, p. 74-77).

João Sérgio Lauand em seu estudo *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, escreve que Tertuliano de Catargo (160-220 d.C), foi quem assumiu para o Cristianismo, o maniqueísmo de Mane (215-275 d.C), persa, que estabeleceu a dicotomia matéria x Espírito. Não demorou muito para que o conceito de bem e mal, nós e eles, se transformasse na semente dos fanatismos religiosos, que adotaram o maniqueísmo de Mane, e o moralismo de Tertuliano. Hoje, muitas igrejas ainda vivem assombradas com ideias e pensamentos como estes (LAUAND, 2009, p. 12-14). Em pleno século XXI estas mesmas restrições moralistas são impostas sobre as pessoas que humildemente desejam viver o cristianismo, e continuam advertindo:

O único caminho seguro é abster-nos de ir ao teatro, ao circo e a qualquer outro lugar de diversão duvidosa [...] A dança e os ambientes sociais como boates e outras casas noturnas são contrários ao princípio da pureza cristã, uma vez que excitam as paixões humanas, a luxúria e sedução. A dança é ainda comumente acompanhada do estímulo ao uso de bebidas alcoólicas, de drogas, da prática de violência e comportamento desenfreado. Sua promoção e prática não se harmonizam com os princípios cristãos adventistas, nem mesmo em um contexto particular, residencial, ou em atividades espirituais e sociais realizadas pela igreja (SIQUEIRA, 2012).

Nos três relatos, o que percebemos é uma vontade intensa de controle institucional sobre as pessoas que se colocam em posição servil de obediência, e que não ousam criticar tais posicionamentos. Selvino Assman escreveu no prefácio da tradução para o português de *Profanações* de Giorgio Agamben: “É com a profanação que se pode resistir a tudo isso, e que se pode tentar uma nova política, um novo ser humano, uma nova comunidade” (AGAMBEN, 2007, p. 8). Meu intuito neste ensaio é encontrar uma forma de romper com o poder institucional, buscando no conceito de

Profanação de Agamben um trampolim para uma espiritualidade independente das instituições, “como a tentativa de realizar uma vida e uma prática humanas absolutamente fora das determinações do direito” (AGAMBEN, 2014, p. 116), ou seja, uma regra de vida fora das determinações eclesiais (que mais se parecem com normas jurídicas). Rubem Alves diz que “para a moralidade protestante a lei civil é o limite da graça” (ALVES, 2005, p. 211).

Será importante para nossa análise usarmos Agamben, polêmico filósofo da atualidade (AGAMBEN, 2007, p. 95), que se dedica a “profanar o sagrado, ou melhor”, a “devolver à comunidade humana aquilo que historicamente foi subtraído ao uso comum através da sacralização” (AGAMBEN, 2007, p. 10). Seguindo este ensaio, visitarei o conceito de participação de Tomás de Aquino, explorados pelos autores Josef Pieper e Jean Lauand, ambos intérpretes de Aquino. Explorarei conjuntamente o conceito de *Admiração* de Josef Pieper, buscando os abalos admirativos que nos espantam. Na teologia de Rubem Alves e na poesia de Adélia Prado, buscarei uma tradução desse abalo admirativo em uma mística¹¹. Minha hipótese é que a mística advinda da contemplação devolve a alegria, o divertimento, a beleza e o riso, que foram sacrificados e consagrados no altar da santidade.

1 – Profanação: uma nova dimensão.

A pergunta neste ponto do ensaio é: O que é profanar? O que profanar e como profanar? Profanar, de acordo com Selvino Assman, é um “conceito originalmente romano, significa Templo onde algo foi posto ou retirado inicialmente do uso e da propriedade dos seres humanos”. Por isso, “a profanação pressupõe a existência de sagrado (*sacer*), [e seu ato] de retirar do uso comum”. Por sua vez, “Profanar significa assim [o ato] de tocar no consagrado, para libertá-lo (e libertar-se) do sagrado” (AGAMBEN, 2007, p. 10).

Segundo Agamben, profanar é “na verdade, a possibilidade de uma ação humana”, ou seja, “trata-se do que os franciscanos tinham em mente¹², quando em sua luta contra a hierarquia eclesial, reivindicavam a possibilidade [do] uso das coisas”, ou melhor, “do livre uso do mundo” (AGAMBEN, 2007, p. 11). Agamben nos impulsiona à profanação, ao mesmo tempo declara “que só existe uma possibilidade de ser feliz: a de crer no divino”. Aqui “o divino, o humano, o natural, geralmente tão separados, parecem aqui colapsar-se” (AGAMBEN, 2007, p. 12). O exercício que este ensaio propõe, é uma profanação, acabando com toda separação. É a mistura do humano com o divino, em uma convivência profana, ou seja, mundana, divina e humana.

De acordo com Agamben, “consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a saída das coisas da esfera do direito humano, [e] profanar, por sua vez significava restituí-las ao livre uso dos homens. Profano [...] em sentido próprio denomina-se aquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos

¹¹ Utilizarei mística no sentido do grego “*mistikós*” (etimologicamente tem raiz na palavra mistério) = conhecimento direto e experimental de Deus em seus mistérios. Pode designar realidades ocultas, secretas, misteriosas; Celebração dos mistérios que operam a transformação de uma pessoa. Usava-se esta palavra para designar uma leitura e busca do sentido *mistikós* da Escritura, reconhecendo que o texto sagrado tem sempre um sentido simbólico, que revela uma realidade escondida. Entende-se também por *mistikós* os segredos da graça. O essencial da mística é a amorosa e misteriosa comunhão e comunicação com Deus; para aquele que a experimenta, gera um conhecimento mais íntimo e profundo de Deus; moção do Espírito Santo. Alguns *Mistikós*: Agostinho; Catarina de Sena; Francisco de Assis; João da Cruz; Tereza de Ávila; Tomás de Aquino (*Fonte: Ordem dos Carmelitas Descalços – Província de São José*).

¹² Para um aprofundamento na vida monástica dos franciscanos e sua luta contra o poder eclesial ver : *Altíssima Pobreza: Regras monásticas de vida*, do Giorgio Agamben de 2014.

homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65). Vejamos, a religião como instituição, através da consagração, “subtrai coisas, lugares, animais, ou pessoas [do] uso comum, e as transfere para uma esfera separada” (AGAMBEN, 2007, p. 65-66).

Podemos dizer que a especialidade da religião é sacralizar a alegria, o divertimento, a beleza, o sorriso. Elas são delicadamente e sutilmente depositadas no altar do “Templo”, são consagradas e retiradas do convívio humano. Podemos dizer como Agamben, que “não há religião sem separação”. E um exemplo de artifício de separação “é o sacrifício”, onde existe claramente a “passagem de algo profano para o sagrado”. É a transferência, ou ainda nas palavras de Agamben, é “o corte que separa as duas esferas”. No ritual do sacrifício, podemos presenciar “a passagem da vítima da esfera humana para a divina” (AGAMBEN, 2007, p. 65-66).

Devemos identificar, que no sacrifício “as entranhas, [...] o fígado, o coração, a vesícula biliar, os pulmões, está reservada aos deuses” (AGAMBEN, 2007, p. 66). No texto bíblico de Levítico 3.13-17, temos acerca do sacrifício das ofertas pacíficas:

Se a sua oferta for uma cabra, perante o Senhor oferecerá. Porá a mão sobre a sua cabeça e a degolará [...] Espargirão o seu sangue sobre o altar [...] Depois trará dela a sua oferta, por oferta queimada ao Senhor, a gordura que cobre a fressura¹³, sim, toda gordura que está sobre ela, os dois rins e a gordura que está sobre eles, e a que está junto aos lombos, e o redenho¹⁴ que está sobre o fígado, juntamente com os rins ele os tirará. O sacerdote queimará isso sobre o altar; é [...] oferta queimada, de cheiro suave. Toda gordura será do Senhor.

Ou seja, todas as vísceras, redenho e gorduras eram queimadas para o Senhor. Mas como bem lembra Agamben, “basta que os participantes do rito toquem essas carnes para que se tornem profanas e possam ser simplesmente comidas. Há um contágio profano, um tocar que desencanta e devolve ao uso aquilo que o sagrado havia separado e petrificado” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Como mostra o texto de Levítico 7.30-32.

Com suas próprias mãos trará as ofertas [...] O peito com sua gordura trará [...] O sacerdote queimará a gordura sobre o altar, porém o peito será de Arão e seus filhos. Também a coxa direita.

Portanto “profanar significa abrir a possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação, ou melhor, faz dela um uso particular” (AGAMBEN, 2007, p. 66). De acordo com Agamben, “a passagem do sagrado ao profano pode acontecer também por meio de um uso (ou melhor, de um reuso) totalmente incongruente do sagrado”. Uma destas formas de profanação é o jogo. “A maioria dos jogos que conhecemos deriva de antigas cerimônias sacras, de rituais e de práticas divinatórias que outrora pertenciam à esfera religiosa” (AGAMBEN, 2007, p. 66).

Brincar de roda era originalmente um rito matrimonial, jogar bola reproduz a luta dos deuses pela posse do sol, os jogos de azar derivam de práticas oraculares; o pião e o jogo de xadrez eram instrumentos de adivinhação (AGAMBEN, 2007, p. 66-67).

¹³ Conjunto das vísceras, entranhas, intestino, pulmão, fígado, e outras partes internas.

¹⁴ Gordura que forra internamente o abdômen do animal, envolvendo os rins e intestinos.

Por sua vez a profanação deste rito ocorre quando jogo, rito e mito se desvinculam. Quando uma criança pega um destes itens como um pão, e simplesmente o lança no chão sem nenhum propósito religioso, ela profana o jogo, ao mesmo tempo que este se transforma em diversão para a humanidade. Para Agamben, no contexto da criança que brinca, “o jogo libera e desvia a humanidade da esfera do sagrado”. Mas não só no âmbito do sagrado pode acontecer estas situações, mas também na economia, no direito, na guerra, basta que um dos itens utilizados nestas áreas da vida, se transformem em brinquedo de criança. “É uma nova dimensão do uso” (AGAMBEN, 2007, p. 67). Sendo assim,

Sagrado e profano representam, pois, na máquina do sacrifício, um sistema de dois polos, no qual um significante flutuante transita de um âmbito para outro sem deixar de se referir ao mesmo objeto. Mas é precisamente desse modo que a máquina pode assegurar a partilha do uso entre os humanos e os divinos e pode devolver eventualmente aos homens o que havia sido consagrado aos deuses. Daí nasce a promiscuidade entre as duas operações no sacrifício [...], no qual uma parte da própria vítima consagrada acaba profanada por contágio e consumida pelos homens, enquanto outra é entregue aos deuses (AGAMBEN, 2007, p. 69).

Obviamente seguindo o mesmo princípio do jogo e do sacrifício, podemos tomar como exemplo o folclore, que segundo Agamben é “uma inversão audaz”, onde “o amor cortês, a partir da esfera prestigiosa do sagrado é reconduzida bruscamente para a profanada estremeira”. Ou seja, é o desejo de “confundir e tornar duravelmente indiscernível o umbral que separa o sagrado e o profano, o amor e a sexualidade, o sublime e o íntimo” (AGAMBEN, 2007, p. 42). Portanto “profanar não significa simplesmente abolir e cancelar as separações, mas aprender a fazer delas um uso novo, [...] brincar com elas” (AGAMBEN, 2007, p. 75).

Sendo assim, o ato de profanar não está vinculado única e exclusivamente a sacrifícios, ou jogos, mas ele pode ser visto e praticado até mesmo na literatura. Portanto não é o ato em si, mas a atitude diante das coisas, que devolvem aos seres humanos o que eles perderam. É a atitude de, diante de uma religião que se tornou vazia e destituída de alegria, podermos tocar novamente com as nossas mãos para, como uma criança ou um poeta, restaurarmos a alegria que foi “consagrada” no altar da santidade. Desta feita, o que estamos buscando é “a passagem de uma *religio*¹⁵ que já é percebida como falsa ou opressora, para a negligência como *vera religio*”. Esta atitude diante da vida não “significa descuido”, mas sim “uma nova dimensão do uso que crianças e filósofos conferem à humanidade” (AGAMBEN, 2007, p. 67).

O que estamos buscando como diz Agamben é “a negligência” da religião, ou seja, “uma atitude livre e distraída [...] desvinculada da *religio* das normas – diante das coisas e de seu uso, diante das formas da separação e do seu significado”, mais uma vez, o que encontramos é a abertura de uma nova “possibilidade de uma forma especial de negligência, que ignora a separação”, e faz dela seu “uso particular” (AGAMBEN, 2007, p. 66). Giorgio Agamben amplia esta ideia em *Altíssima Pobreza*, quando ele diz que “*Religio* é o nome dado pelos teólogos a [...] norma e vida [...] que

¹⁵ O termo *religio* não deriva de *religare* (ligação: humano – divino), deriva sim de *relegere*, que indica a atitude de escrúpulo e de atenção que deve caracterizar as relações com os deuses, a inquieta hesitação perante as formas e fórmulas que se deve observar a fim de respeitar a separação entre sagrado e profano. *Religio* não é o que une os homens aos deuses, mas é o que cuida para que se mantenham distintos (AGAMBEN, 2007, p. 66).

configura uma espécie de dever jurídico”. Portanto entende-se por “norma [os] verdadeiros esquemas de comportamento” (AGAMBEN, 2014, p. 72).

Como escreve Rubem Alves, “o demônio é grave, sério, não brinca, não dança” (ALVES, 2011, p. 109 e 114), e Deus pelo contrário é um “brincador” (LAUAND, 2014). Alves diz que na “sala de visitas da teologia”, discute-se apenas coisas respeitáveis e quando uma criança entra tropeçando, o pai a fulmina, com um olhar gelado (ALVES, 2012, p. 41). Mas nós, não podemos esquecer que “Deus é o dono da loja de brinquedos”, e foi Adão que cansou de brincar e quis levar a vida a sério. Resultado: “Ficou triste”. Eu não acredito num Deus que fulmina com seu olhar gelado, mas acredito num Deus que dança, brinca e sorri (ALVES, 2011, p. 114).

2 – Ferramentas de profanação.

O conceito adotado para buscar uma profanação da religião das normas, será o de participação de Tomás de Aquino. Um *metékhein*, é “ter-com”, um Ter em oposição ao Ser, é um Ter pela dependência, um Ter por outro que É. Este conceito foi amplamente utilizado por Tomás de Aquino. Ele entende que a criatura tem o ser, por participar do Ser - Criador (LAUAND, 2013, p. 14).

Isto muda completamente nossa compreensão sobre o mundo, mas principalmente nossa compreensão sobre o “outro”. Neste conceito, qualquer pessoa, tem o ser de Deus, por *participatio* na criação e salvação. “O Salvador do mundo vem para Se tornar participante da nossa natureza humana” (FRANCISCO, 2015). Sendo assim, em uma comparação diríamos que o gelado é partícipio, *participatio*, do gelo em contato com uma garrafa por exemplo (LAUAND, 2013, p. 17-18). Ou seja, você não diz que o gelo está gelado, porque ele já é o próprio gelo (LAUAND, 2016). Guimarães Rosa no livro Noites do Sertão, elucida esta ideia da essência de algo, quando diz que “o sol não é os raios dele, é o fogo da bola” (ROSA, 1988, p. 184). Portanto a cerveja não é o gelo, mas está gelada por participar do gelo. Bem, se participamos da essência divina, e se todas as coisas criadas participam da essência divina, ou seja, possuem o Ser de Deus, então ao entrar em contato com as coisas deste mundo, e com as pessoas deste mundo, pergunto: Participaremos direta e indiretamente da divindade? Profanaremos o sagrado? Proponho que sim.

Segundo Giorgio Agamben, “tudo se fez regra e ofício, de modo que a vida parece desaparecer”, de modo que não se consegue mais discernir o que é regra, o que é lei, o que é vida. Para Agamben, “preceitos legais” se transformaram em “preceitos vitais”. Uma inversão tão brutal, onde a “vida se transforma integralmente em lei” (AGAMBEN, 2014, p. 101). Em outras palavras, após anos e anos de formulação de leis e regras religiosas, a própria vida, simples e comum se perdeu, onde a lei e a norma se tornaram o princípio vital, em detrimento da alegria, da diversão e da felicidade. Urge a necessidade de uma profanação. Como? Contemplando a essência divina em todo o tempo. Ou melhor, participando desta essência, interagindo, criando e recriando a partir desta essência. É uma profanação, por tocar, e modificar, criar, a partir da mistura com o divino. Quem contempla, participa das coisas. Quem contempla, não consegue deixar de interagir com o objeto de sua contemplação. É aqui que buscamos uma forma de “profanar o improfanável”, não como um capricho, mas como um “dever” (AGAMBEN, 2007, p. 19).

Contemplando, podemos tocar a alegria, a beleza, presente em todas as coisas do cotidiano. Significa observarmos, nos admirarmos, nos espantarmos com a essência divina em todas as coisas deste mundo. Por quê? Porque Deus é doador do ato de ser, ato de ser-essência, e é porque Deus doou o ato de ser, que as coisas são. Sendo assim,

a criatura tem o ser, porque Deus é o Ser. E porque o ente tem o ser, ele não pode andar neste mundo sem se maravilhar com as coisas que são (LAUAND, 2016).

Portanto é converter a contemplação, em uma ferramenta de profanação do sagrado. É tocar através do olhar a beleza divina, que está presente nas coisas, na natureza, na arte e nas pessoas. Uma vez que tudo “reflete a bondade, verdade e beleza de Deus” (LAUAND, 2013, p. 15). Precisamos aprender a aproveitar a simples contemplação das coisas que são. Contemplação que no grego “*theorein, theoria*”, significa “visão, simples visão – é um ver com olhar de amor, um ver que se entrega concentradamente ao objeto, como diz o filósofo Von Hildebrand: ausência de tensão de futuro” (LAUAND, 2016, p. 6). Como tolos passamos pela vida sem este olhar, “pensamos que a alegria está no final do caminho, e caminhamos distraídos” (ALVES, 2011, p. 13). Não prestamos a devida atenção. Segundo João Guimarães Rosa, o real da vida não está nem na partida, nem na chegada, mas “se dispõe para a gente no meio da travessia” (ROSA, 2006, p. 64). É um convite a profanar (contemplar – tocar com o olhar) todos os momentos da vida.

Aqui vale um parêntese: segundo Rui Josgrilberg o elemento *theorein* - simples visão, que estamos procurando resgatar com Tomás de Aquino, “é da mesma raiz da palavra grega *theatron*, que significa lugar para olhar” (JOSGRILBERG, 2016). Desta forma, podemos por analogia, perceber que desejos “tertulianos” de separar religiosos do teatro – *theatron*, está ligado ao desejo implícito de consagrar o simples prazer da contemplação – *theorein* (uma vez que ambas as palavras possuem etimologicamente uma raiz comum), *theatrum* (latim) – teatro (ORIGEM DA PALAVRA, 2016). Logo, sem contemplação, não se tem *stupore*¹⁶ – Espanto admirativo – sem contemplação, não se tem profanação.

Sendo assim existe a possibilidade de encontrarmos na contemplação a chave para a profanação. Adotando o *a priori* que as pessoas podem em sua maioria, ter perdido a capacidade de visão, ou melhor, a capacidade de contemplação. Podemos compreender o mundo, já não mais como um lugar onde as pessoas contemplam e “participam” dele, mas são apenas espectadores dele. Os homens e mulheres deste planeta, não podem mais criar e interagir a partir das coisas existentes neste mundo, podem apenas olhar, fotografar e comprar, mas não mais reinventar o mundo. Para Agamben, é “a própria impossibilidade de usar”, uma vez que os homens não decidem mais livremente nem onde habitar, se experimenta o mundo apenas através de “espetáculos televisivos” (AGAMBEN, 2007, p. 101).

A impossibilidade de usar tem o seu lugar tópico no Museu. A museificação do mundo é atualmente um dado de fato [...] Museu não designa, nesse caso, um lugar ou um espaço físico determinado, mas a dimensão separada para a qual se transfere o que há um tempo era percebido como verdadeiro e decisivo, e agora já não o é [...] De forma mais geral, tudo hoje pode tornar-se Museu, na medida em que esse termo indica simplesmente a exposição de uma impossibilidade de usar, de habitar, de fazer experiência (AGAMBEN, 2007, p. 100).

Acredito que tenhamos perdido a capacidade de contemplar uma realidade por muitas horas e de produzirmos algo a partir daquilo. O pintor Claude Monet passou 34 anos de sua vida pintando os Lírios D’água de seu jardim na França. Uma grande parte

¹⁶ Significa: grande surpresa – espanto – assombro – admiração; Na tradução para o português que está disponível na página oficial: Rádio do Vaticano, o texto utilizou a palavra surpresa e estupor, mas no original italiano, a palavra utilizada é *stupore*.

destas pinturas, principalmente os grandes painéis pintados de 1892 até 1918, estão em Paris no L'Orangerie (WALDRON, 2009, p. 90-99). Segundo Rubem Alves, Monet também tinha o costume de ficar desde a manhã, até o anoitecer, pintando vários quadros do mesmo monte de feno. Por que pintar tantos quadros do mesmo monte de feno? Bom, para as vacas famintas, o feno era o mesmo, mas para o pintor, cada mudança da luz era uma visão diferente do mesmo monte. Alves faz uma declaração assustadora: “o mundo está cheio de vacas”. Devemos como diz Alves, ver “as mesmas coisas com outra luz” (ALVES, 2013, p. 44-47). Como diz Josef Pieper, a riqueza da vida, da filosofia, “não está na satisfação das necessidades e desejos, nem no domínio da natureza, mas está no simples ato de ver” (PIEPER, 2007, p. 21). Não é necessário “distanciar-se das coisas do dia a dia” para ver o que ninguém mais está vendo, mas “olhar para estas mesmas coisas com um olhar interpretativo, diferente do sempre utilizado”, ou ainda, “o utilizado por todos”. Ou seja, é fazer um julgamento distante das valorações corriqueiras (PIEPER, 2007, p. 40-41).

Esta incapacidade, esta “perda irrevogável de todo uso”, gera a incapacidade de interagir e participar das coisas deste mundo, transformando a maioria das pessoas em meros espectadores, ou melhor, em “vacas”. Como diz Agamben, é “a absoluta impossibilidade de profanar” (AGAMBEN, 2007, p. 101). Ou melhor, a impossibilidade de “apreciar” – de “contemplar” – como Monet (WALDRON, 2009, p. 90-99; ALVES, 2013, p. 44-47). Nesta contemplação, existe um “tipo de prazer que nos faz apreciar algo sem preparação, mas simplesmente pelos atributos admiráveis do objeto” (LAUAND, 2016, p. 7). É o prazer de apreciar, é o mistério do “amor apreciativo”, que nos leva “a admirar a beleza das coisas de uma forma desinteressada [...] Alguém que contempla uma bela paisagem ou é surpreendido por um encantador aroma de flores” (LAUAND, 2016, p. 7). O perfume de uma rosa é um mistério, a beleza de uma pintura pode abalar-nos.

O que é proposto neste ensaio não é um olhar de alienação, longe disto, é um olhar poético-religioso para esta vida, que nos conduza ao *stupore* com o cotidiano ao nosso redor. Que nos leve a “ver” o Céu que se encontra aqui mesmo, na música, no morro, no samba, na rosa. Como diz Jean Lauand, “não que esses abalos nos levem do cotidiano para outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração [...] sobre a mesma velha realidade [...] Tal como no abalo filosófico (ou artístico) sentimo-nos arrancados de uma porção de coisas, permanecendo no mesmo lugar” (LAUAND, 2009, p. 37). O ser que contempla, participa.

David H. Nikkel¹⁷, no seu artigo *The Mystical Formation of Paul Tillich*, lembra que Paul Tillich¹⁸, após ter atuado como capelão na Primeira Guerra Mundial, se tornou uma pessoa “doente da alma”. Começou a estudar revistas, livros e artigos sobre artes clássicas, em busca de algum senso de esperança e beleza. Nesta trajetória, ele se deparou com a obra do pintor italiano Sandro Botticelli (1445-1510). Depois de apreciar sua obra nos periódicos de arte, decidiu ir ao *Kaiser Friedrich Museum* em Berlim. Foi então que ele se deparou com *Madona with singing Angels*, e disse: *I turned away shaken*. Tillich foi arrancado do chão, chacoalhado. Em uma entrevista a uma revista em 1955, ele afirmou que aquele momento de êxtase nunca mais se repetiu, e que aquela experiência lhe trouxe alegria vital (NIKKEL, 2006). Paul Tillich concluiu:

¹⁷ Bacharel em Arte, Mestre em Divinity e PhD em Estudos Religiosos.

¹⁸ Paul Johannes Oskar Tillich (1886 - 1965) foi um teólogo alemão, filósofo da religião, capelão do exército na 1ª. Guerra Mundial, um dos mais influentes teólogos protestantes do século XX. Tendo perdido sua cátedra por causa de suas posições anti-nazistas, Tillich emigrou para os Estados Unidos em 1933, foi professor de Teologia Filosófica no Union Theological Seminary, Columbia University, Harvard e Universidade de Chicago. Recebeu o prêmio da paz dos editores alemães em 1962.

Aquele momento afetou toda minha vida, deu-me as chaves para a interpretação da existência humana, trouxe vitalidade e verdade espiritual. Eu o comparo com o que é usualmente chamado de revelação na linguagem religiosa (*Apud*, CALVANI, 2005, p. 55).

São estas chaves da contemplação, que devolvem a vida que se dissolveu em meio ao formalismo e as normas. É a chave para se misturar com tudo ao nosso redor, inclusive com o divino. Estas são chaves de profanação. Sendo assim, experiências de beleza, uma vez que *participatio* da mente divina, pode acontecer com qualquer coisa ao nosso redor, e nos deixar suspensos, abalados e admirados. Pode acontecer com uma música, com uma obra de arte, ou simplesmente pela beleza de uma cena, de uma cidade. Adélia Prado amplia o entendimento quando escreve:

o que pude oferecer sem mácula foi meu choro por beleza [...] Rio de Janeiro que visitei uma vez e me deixou suspensa [...] Rio de Janeiro uma beleza (PRADO, 2014, p. 137 e 9).

O que importa é não deixar de contemplar o maravilhoso ao nosso redor. Na verdade é apreciar o *stupore* presente no cotidiano, na arte, na beleza, na rosa, que nos arranca do chão, que nos suspende. Interessantemente, as coisas que despertam a alegria, são coisas cotidianas, que estão sempre ali, mas que não conseguimos perceber. Exatamente as “ações de cada dia, escondem o que há de mais profundo” (LAUAND, 2013, p. 55). Como diz Rubem Alves, existem coisas que não servem para nada: pôr do sol, moda de viola, um gole de pinga, um bom cafuné, um papo furado; “Por que os amamos? Porque nos dão prazer e alegria” (ALVES, 2011, p. 104). Na verdade “no mais simples, se esconde o maior mistério” (LAUAND, 2013, p. 55).

Como bem elaborou Pieper, “ficar em silêncio, com a face admirável do mundo”. Perceber, no cotidiano e familiar, “o que é verdadeiramente estranho”. É a capacidade de “admirar-se do comum” (PIEPER, 2007, p. 41-42). É proferir como Goethe aos 70 anos de idade: “existo para admirar” (*Apud*, PIEPER, 2007, p. 43). Parafrazeando Josef Pieper, admirar-se é um permitir-se ser abalado pelas coisas, é permitir-se espantar-se pelas coisas ao seu redor – *mirandum* (PIEPER, 2007, p.42-43). Neste momento “o óbvio”, perde “sua obviedade compacta” (PIEPER, 2007, p. 44).

Para Adélia Prado,

Admirar-se do que é natural é que é o bacana; admirar-se da água aqui, quem é que se admira da água, a que estamos tão habituados? [...] Admirar-se de um bezerro de duas cabeças, qualquer débil mental se admira, mas admirar-se do que é natural, só quem está cheio do Espírito Santo. Eu quero essa vidinha, essa é que é boa, com toda a chaturinha dela e suas coisas difíceis [...] O cotidiano tem para mim esse aspecto de tesouro (*Apud* LAUAND, 2012, p. 29-30).

Encantar-se com o cotidiano, espantar-se através da contemplação, e experimentar a mística da presença divina em todas as coisas simples ao nosso redor, e admirar-se com o comum, eis nossa maior profanação. Ver Deus no jardim e ver Deus na cozinha. Pois como já vimos, profanar por sua vez, significa restituí-las ao livre uso dos homens. Profano [...] em sentido próprio denomina-se aquilo que, de sagrado ou

religioso que era, é devolvido ao uso e à propriedade dos homens” (AGAMBEN, 2007, p. 65).

3 – *Genius*: atitude de profanação.

Parafraseando Rubem Alves e Emily Dickinson, alguns santificam o dia de guarda indo à igreja, eu vou para o meu jardim; uns neste dia escutam longos sermões, eu escuto o som dos sabiás; uns aguardam ansiosamente o Céu, eu já estou nele (ALVES, 2012, p. 64-65). Tomás de Aquino considerava a Criação como um falar de Deus. Sendo o Verbo (Palavra), as criaturas, como que palavras decorrentes do Verbo Criador. Portanto as coisas “são” porque foram pensadas, proferidas, faladas por Deus – Verbo (LAUAND, 2000, p. 10). Perceber “o ser” das coisas, perceber a essência das coisas, mesmo sem entendê-las completamente, mas podendo chegar nelas, na essência das coisas através da contemplação. Para Jean Lauand, pelo fato das coisas terem primeiramente sido pensadas por Deus é que elas nos são cognoscíveis, ou seja, “conhecíveis” pela inteligência humana, porque as criaturas procedem do *Logos* divino, elas são apreendidas por nós. Ao mesmo tempo, não podemos esgotá-las, porque procedem de uma inteligência superior (LAUAND, 2014).

Esta atitude de profanação será denominada por nós como atitude de *Genius*. De acordo com Giorgio Agamben, “viver com *Genius*¹⁹ significa, nessa perspectiva, viver na intimidade de um ser estranho, manter-se constantemente vinculado com uma zona de não conhecimento”. Portanto, “a intimidade com uma zona de não conhecimento é uma prática mística cotidiana”. Ou seja, “*Genius* é a nossa vida, enquanto não nos pertence” (AGAMBEN, 2007, p. 25-26). Na verdade não compreendemos as coisas mais simples da vida, como o simples amanhã.

Sendo assim, mesmo sem entender completamente as coisas mais simples, podemos desfrutar da beleza, da paixão e da emoção desta vida. Adélia Prado diz: “eu não entendo a água, eu não entendo o abacaxi, eu não entendo o feijão. Alguém aqui entende o feijão?” (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2009, p. 35). Mas é este desconhecimento, este mistério, que nos impulsiona. Nas palavras de Agamben,

No limiar da zona de não conhecimento, Eu deve abdicar de suas propriedades, deve comover-se. E a paixão é a corda estendida entre nós e *Genius*, sobre a qual caminha a vida funâmbula²⁰. O que nos maravilha e espanta [...] É essa criança elusiva, esse *puer*²¹ obstinado, que nos impele na direção dos outros, nos quais procuramos apenas a emoção (AGAMBEN, 2007, p. 28).

Contudo, Agamben enfatiza que em determinado momento nos separamos de *Genius*, “pode ser de noite, de improviso, quando, ao som da brigada que passa, ouves, não sabes por quê, que teu deus te abandona, ou então somos nós que o despedimos” (AGAMBEN, 2007, p. 31).

É a hora [que] com a força que lhe sobra [...], o artista velho quebra o seu pincel e contempla [...] os gestos: pela primeira vez só nossos,

¹⁹ Latim *Genius* – deus que todo homem é confiado sob tutela no nascimento. Etimologia: *Genio* – Gênio; *Generare* – gerar; *Genialis lectus* – genial: a cama, porque nela se realiza o ato da geração; *Genius* encontra uma correspondência na ideia cristã do anjo da guarda – dois: bom e o mau (AGAMBEN, 2007, p. 22 e 29).

²⁰ Equilibrista que anda ou dança em corda bamba. Sentido figurado para a inconstância da vida.

²¹ Expressão latina para a eterna criança (*Puer Aternus*).

completamente liberto de qualquer encanto [...] Começamos a viver uma vida puramente humana e terrena (AGAMBEN, 2007, p. 31).

Como diz Adélia Prado em um verso genial de seu livro *The Mystical Rose*, “*Once in while God takes poetry away from me. I look at stone, I see a stone*” (PRADO, 2014, p. 58). Para Agamben, “é o tempo exausto e suspenso, a brusca penumbra em que começamos a nos esquecer de *Genius*; é a noite esperada, [...] antes que a vagarosa criança volte a experimentar, um a um. Os seus rubores; uma a uma, imperiosamente, as sua hesitações” (AGAMBEN, 2007, p. 31). Como bem elabora Adélia Prado, até quando,

[...] um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa [...] aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29).

Segundo Agamben, “o que podemos alcançar por nossos méritos e esforço não pode nos tornar realmente felizes. Só a magia pode fazê-lo” (AGAMBEN, 2007, p. 32). É neste caminho que Adélia Prado reforça que “a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa, [pois] a beleza é uma experiência” (*Apud*, LAUAND, 2012, p. 29). Segundo Rubem Alves, “a beleza é a sombra de Deus no mundo” (ALVES, 2012, p. 107). Portanto *Genius* é o “que nos maravilha e espanta [...] emoção” (AGAMBEN, 2007, p. 28), sem compreensão. Mistério.

Considerações finais

Portanto a profanação que estamos buscando é uma mística baseada nas coisas ao nosso redor, nas coisas do cotidiano, e não numa suposta experiência no mundo por vir. É viver como uma criança que brinca com artigos e artefatos religiosos e se encanta. Ou seja, profanarmos todo o tempo as demarcações que separam divino e humano, sagrado e profano. Experimentar através da admiração causada pela contemplação, a divindade e a santidade das coisas comuns, é a atitude profanatória de adentrarmos na mística e nos misturarmos com os deuses. *Genius* é a “divinização da pessoa” (AGAMBEN, 2007, p. 23), enquanto esta participa do mundo. E porque não, participar também do mundo dos deuses?

Em certo sentido é uma admiração pelo que está aqui, um espanto pelo mundo em que vivemos. Jean Lauand lembra com Heidegger, um episódio que está presente nos “alvares da filosofia”, quando visitantes impressionados com a sabedoria de Heráclito, decidiram visitá-lo para descobrir como este havia se conectado ao conhecimento divino:

Diz-se que Heráclito assim teria respondido aos estranhos vindos na intenção de observá-lo. Ao chegarem, viram-no aquecendo-se junto ao forno. Ali permaneceram de pé [...], ele os encorajou [...] a entrar, pronunciando as seguintes palavras: Mesmo aqui os deuses também estão presentes (LAUAND, 2012, p. 27).

Lauand explica que, é no ordinário que os deuses estão presentes, no inaparente cotidiano, junto ao forno que aquece o pão e a casa, na cozinha, “aqui mesmo que estão os deuses” (LAUAND, 2012, p. 27). Profanar é a capacidade de

tocar, encontrar, e viver a divindade presente nas coisas comuns, é perceber a magia da vida como uma criança (AGAMBEN, 2007, p. 32). É a capacidade de aproveitar a vida cotidiana como *Puer Aternus* – a eterna criança. Adélia Prado sentia certa vez, que o peso desta incapacidade, traz a necessidade e a urgência dessa “*theorein, theoría*” infantil:

Meu Deus, me dá 5 anos [...] Me dá um natal e sua véspera [...] Me dá a negrinha fia para eu brincar [...] Me dá uma noite com minha mãe [...] Me dá a mão [...] Me cura de ser grande, ó meu Deus, meu pai, pai (PRADO, 2014, p. 12).

O anseio expresso por Adélia é um convite a olharmos o mundo com atenção redobrada, a apreciarmos a rica presença do outro e a beleza do momento. É encontrarmos o divino nas coisas mais simples, e não em um ritual religioso, ou numa variedade de regras de comportamento exigidas pelas instituições religiosas.

Uma vez eu estava diante de uma casa com duas copaíbas [...] A cada instante meu pai mencionava as copaíbas, como reportando uma nova: Deus falou com Moisés destas muitas árvores? Bem então. Duas copaíbas, duas horas da tarde, todos fazendo café. Uma voz anunciou: você e seu irmão brinquem aqui perto; não devem ir longe [...] Nem Salomão em toda a sua glória estava tão feliz (PRADO, 2014, p. 126-127).

Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. *Altíssima Pobreza: Regras monásticas de vida*, São Paulo/SP: Boitempo (1ª. Edição da versão iBook), 2014

AGAMBEN, Giorgio. *Profanações*, São Paulo/SP: Boitempo (1ª. Edição da versão iBook), 2007

ALVES, Rubem, *Se eu pudesse viver minha vida novamente*, Campinas/SP: Verus Editora, 2012

_____, Rubem. *Perguntaram-me se acredito em Deus*, São Paulo/SP: Ed. Planeta do Brasil, 2007

_____, Rubem. *Religião e Repressão*. São Paulo/SP: Ed. Loyola/Ed. Teológica, 2005

_____, Rubem. *Variações sobre o prazer: Santo Agostinho, Nietzsche, Marx e Babette*, São Paulo: Editora Planeta Brasil, 2011

JOSGRILBERG, Rui de Souza. *Teologia e Ética*, Aulas do Programa de Pós Graduação em Ciências da Religião, UMESP-SBC, 1º.semestre/2016

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G., *Filosofia e Educação: Universidade.*, São Paulo/SP: Factash Editora, 2011

LAUAND, João Sérgio (org.). *Temas e Figuras do Pensamento Medieval*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP)/FACTASH Editora, 2009

LAUAND, Jean, *Teologia e Ética: Estudos Tomasianos*, São Paulo: CEMOROC (EDF-FEUSP) / FACTASH Editora, 2013

_____, Jean, *Transformações da linguagem: a gíria “curtir” e as conjunções adversativas – dois estudos*, Notandum 40 jan-abr 2016/CEMOrOC – Feusp/IJI- Univ. do Porto

LAUAND, Jean, *Abalo filosófico e afins. Por uma Pedagogia da Admiração*, International Studies on Law and Education 10 jan-abr 2012, CEMOrOc - Feusp/IJI- Univ. do Porto

PRADO, Adélia. *Bagagem*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Record, 2014

PRADO, Adélia. *The Mystical Rose: Selected Poems (Translated by Ellen Doré Watson)*, USA: Bloodaxe Books, 2014

PIEPER, Josef. *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*, Rio de Janeiro/RJ: Ed. Nova Fronteira, 2006

ROSA, João Guimarães. *Noites do Sertão*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Record, 1988

WALDRON, Ann. *Who Was Claude Monet?* New York/NY (USA): Grosset&Dunlap, 2009

WHITE, Ellen G., *Eventos finais*. Tatuí/SP: CPB, 2008

Referências digitais

LAUAND, Jean. *In: Series - Eclipse de Deus. Logos Ludens, o Deus que cria brincando* de 05/11/2014 - <https://www.youtube.com/watch?v=7-i1T1fJsUU> – acessado em 22/09/2015 – palestra de 2014

DE FRANCO, Gui. *In: Vídeo Aula de Filosofia do Curso Poliedro* - <https://www.youtube.com/watch?v=OWRb5AEGHgs> – acessado em 27/09/2015

CALVANI, Carlos Eduardo B., *Momentos de beleza – Teologia e MPB a partir de Tillich* – *In: Revista Eletrônica Correlatio* número 8 de outubro de 2005 - <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/COR/article/.../1733>

- acessado em 05/06/2016

FRANCISCO, Papa. *In: Missa da Noite de Natal (texto homilia) em 24/12/2015* - http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/24/papa_celebra_missa_da_noite_de_natal_-_texto_da_homilia/1196774 - acessado em 14/04/2016

FRANCISCO, Papa. *In: Mensagem de Natal do Papa em 2015: Ver a surpresa do Natal no outro, na história, na igreja* - http://pt.radiovaticana.va/news/2015/12/20/papa_-_ver_a_surpresa_natal_no_outro,_hist%C3%B3ria,_igreja/1195780 - acessado em 14/04/2016 - *In: texto original em italiano* - <http://www.toscanaoggi.it/Vita-Chiesa/Papa-Francesco-Angelus-storia-non-e-regolata-da-economia-finanza-o-affari-.Dio-scombina-le-carte> - acessado em 14/04/2016

LAUAND, Jean. *Deus Ludens – O lúdico no pensamento de Tomás de Aquino e na pedagogia Medieval* – Defesa de Livre docência da Faculdade de Educação da USP, em dezembro/2000 - <http://hottopos.com/notand7/jeanludus.htm> - acessado em 20/10/2015

NIKKEL, David H., *The Mystical Formation of Paul Tillich* – 12/05/2006 - <http://www.metanexus.net/essay/mystical-formation-paul-tillich> - acessado em 05/06/2016

ORIGEM DA PALAVRA, *In: Etimologia.* <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/teatro/> - acessado em 16/06/2016

SIQUEIRA, Reinaldo (org.). *Estilo de Vida e Conduta Cristã da Igreja Adventista do 7º. Dia* – 2012 - <http://www.adventistas.org/pt/institucional/organizacao/declaracoes-e-documentos-oficiais/estilo-vida-conduta-crista/> - acessado em 27/09/2016

Língua árabe e Libras – o Cemoroc na Escola Pública

(notas sobre conferência do Cemoroc para alunos surdos e professores de Libras da EMEFM Vereador Antonio Sampaio, 23-10-17)

Aida R. Hanania²²

Resumo: Notas sobre conferência a respeito de possíveis convergências entre Língua Árabe e Libras, para alunos surdos e professores de Libras da rede municipal de São Paulo.

Palavras Chave: Língua Árabe. Libras. Educação. Surdos.

Abstract: Notes of a lecture on Arabic Language compared to Libras (Brazilian Sign Language). Lecture at a public school of São Paulo.

Keywords: Arabic language. Libras. education. Deafs.

O Cemoroc e a Escola Pública

Nota Prévia: Este artigo já estava pronto, quando tivemos a grata surpresa de que a ênfase que estamos dando neste momento no Cemoroc com a Educação Básica foi precisamente o tema da redação do ENEM (5-11-17), Exame Nacional do Ensino Médio de 2017: “Desafios para a formação educacional de surdos no Brasil”.

Como diretora acadêmica do Cemoroc, Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, orgulho-me de tantos eventos de pesquisa avançada que nosso Centro tem promovido. Por exemplo, em 2017, realizamos o “XVIII Seminário Internacional Cemoroc”, recolhido em livro pela *Libros Pórtico*, uma das mais prestigiosas editoras da Espanha. E no campo editorial são já 21 anos e 250 volumes de qualificadas revistas internacionais.

Mas há uma outra dimensão das atividades do Cemoroc não menos importante e ainda mais entranhável: seminários, cursos e conferências em constante diálogo com os professores da escola pública (Cf. <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page03.htm> e <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page07h.html>).

Nesse trabalho, destaca-se a parceria com a EMEFM Vereador Antonio Sampaio, uma das poucas escolas da Prefeitura Municipal de São Paulo que mantém também Ensino Médio.

Graças ao empenho de sua diretora, Profa. Graziela da Silva Dias, que não mede esforços para promover a qualidade do ensino público²³ e da incansável Profa. Dra. Chie Hirose (doutora e pós doutora Feusp e professora de alfabetização no “Vereador”), temos não só oferecido cursos para professores, mas dando-lhes **protagonismo** como autores em nossas revistas e em nossos Congressos: afinal eles é que são, mais do que ninguém, autênticos educadores.

Se considerarmos apenas a EMEFM Vereador Antonio Sampaio (abreviaremos por VAS), foram, desde 2013, cinco Seminários com professores, um

²². Professora Titular DLO-FFLCHUSP. Fundadora do Curso de Pós Graduação em Língua, Literatura e Cultura Árabes da FFLCHUSP.

²³. A direção e os professores, temos constantemente constatado, são altamente dedicados e qualificados, apesar da precariedade das condições que são oferecidas pelo governo.

Encontro Pedagógico e diversas aulas sediadas nessa escola, sem contar a constante presença de seus docentes em diversos outros eventos de nosso Centro.

Cada vez mais, professores do Cemoroc, da mais alta estatura acadêmica vão ao diálogo direto com a escola pública.



Prof. Jean Lauand, titular da Feusp: aula para o 3º. ano do Fund. I (2015)



Conferencistas do dia 5-7-17 do XVIII Seminário Internacional Cemoroc: Professores Rui (UMESP), Graziela (VAS), Raimunda (VAS), Aida (USP), Jean (USP), Juscelino (VAS), Alexandre (UMESP).
Abaixo: Roberto (USP), René (VAS) e Chie (VAS)



Docentes do VAS no I Encontro Cemoroc Escola Pública - 2016
Juscelino, Mara, Lúcia, Jean (USP), Raimunda, Deolinda, Maria Rosa e Chie

A seguir, gostaria de resumir uma impactante experiência que tive em recente aula no VAS, na qual nosso presidente, o Prof. Jean Lauand, e eu estivemos em enriquecedor diálogo com alunos surdos e professores de Libras – o VAS é uma importante escola de inclusão de surdos na Zona Norte de São Paulo.

Língua árabe e Libras: convergências?

A conferência foi proferida pelo Dr. Lauand e por mim, com tradução simultânea pela Profa. Renata F. S. Francisco e com um interlocutor principal, o Prof. Eduardo Pereira Rocha, ele mesmo surdo, também professor de Libras e formado em Letras. Além, é claro, das intervenções dos assistentes.

Era a primeira vez que os conferencistas tínhamos um tal público e logo nos demos conta de que os surdos têm sua própria língua, a língua de sinais, que *não* é a língua portuguesa em sinais, mas Libras.

Do mesmo modo, não foi de tanta utilidade o material impresso que distribuímos, na ilusão de que por escrito a comunicação seria normal: a língua deles é Libras!

Já quando começamos a falar das características da língua árabe, houve entusiasmo quando se deram conta de que o árabe não utiliza o verbo ser (/estar) como verbo de ligação e que basta dizer: “Eu professor” ou “eu nesta escola” em vez de “Eu sou professor” ou “eu estou nesta escola”. E, como usuários de Libras, perguntaram por que a língua portuguesa tem que ser tão complicada...

Do mesmo modo (mais uma convergência...), no sistema língua/pensamento árabe em vez dos longos e complicados discursos ocidentais, encontramos um rápido e cortante suceder de flashes, em frases nominais, provenientes de uma imaginação fulgurante com a irresistível força da imagem concreta.

Assim, uma cena, digamos, como a de abater um pássaro, seria, no limite, descrita por um ocidental nestes termos: “Estava um pássaro a voar no céu, quando eu o vi. Ora, ao vê-lo, interessei-me por ele e, portanto, dado que dispunha de uma atiradeira, muni-me de uma pedra, mirei-o, disparei a atiradeira a fim de atingi-lo; de fato atingi-o e, portanto, ele caiu, o que me possibilitou apanhá-lo com a mão”. Já o árabe, tende a apresentar essa mesma cena do modo como o faz Tom Jobim em “Águas de Março”, dizendo simplesmente: “Passarinho na mão, pedra de atiradeira”. Os enlaces lógicos ficam subentendidos por detrás da sucessão de imagens. E o mesmo ocorre, por exemplo, com este outro verso da mesma canção: “carro enguiçado, lama, lama” (em clave ocidental: “O carro enguiçou devido à avaria provocada por excesso de lama ..”).



Nossos alunos surdos. Entre professores Jean e Aida, Prof. Eduardo (professor surdo de Libras) e a seu lado Profa. Renata (de Libras)

Essa associação imediata é tanto mais forte quanto o árabe tende a evitar as abstrações e voltar-se para o concreto. Tipicamente falando, enquanto nós tendemos para o abstrato, o indeterminado e o substantivado, como em “A educação vem do berço”; o árabe expressa a mesma ideia com imagens concretas:

Pai dele (é) alho; mãe (é) cebola: como pode ele cheirar bem?

E enquanto nosso provérbio é: “Quem o feio ama, bonito lhe parece”, o árabe diz:

O macaco aos olhos de sua mãe (é) gazela.

Nada de abstratos “a educação”, “a conduta” etc. A palavra para conduta (boa ou má) é a mesma para aroma (*rihat*); para além da metáfora (“a coisa está cheirando mal em Brasília”), para o árabe, trata-se da mesma e única palavra.

A dificuldade de tradução para Libras, no caso, ficou por conta do adjetivo substantivado: “o feio” etc.

Outros aspectos da cultura árabe entraram em jogo²⁴, renovando vivamente nosso olhar sobre algumas realidades, a partir do ponto de vista dos surdos: como fica o Alcorão para um surdo, se Al-Qur’an é precisamente a recitação, o canto da leitura...?

Por outro lado, a ênfase na escrita, a caligrafia como arte religiosa e arte árabe por excelência, causou forte impacto. Por exemplo, a fórmula principal do Islã, a *shahada*: *La illahi illa Allah* (não há outro deus, senão o único Deus) é portadora da incrível coincidência de que nela comparecem as poucas letras verticais do alfabeto árabe, como que convidando – a partir da própria leitura – a uma ascensão ao divino.



A verticalidade da *shahada*

Se, por vezes, se usa demagogicamente o estereótipo de que o professor aprende com os alunos, neste nosso caso, no diálogo com os surdos, certamente eles nos ensinaram e muito, de verdade, nessa riquíssima experiência.

²⁴. E acabaram por convocar um novo encontro no VAS, tematicamente dedicado a aspectos sociais do mundo árabe.